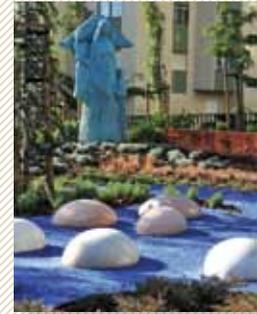


Directora: **Nassalete Miranda**
 30 Janeiro de 2013
 Nº 91 | Preço: 2 euros
 Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

SUPLEMENTO
**Oeiras eterniza
 a poesia e os poetas**

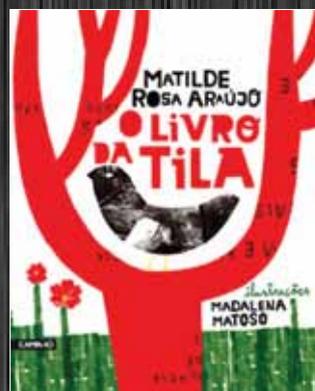
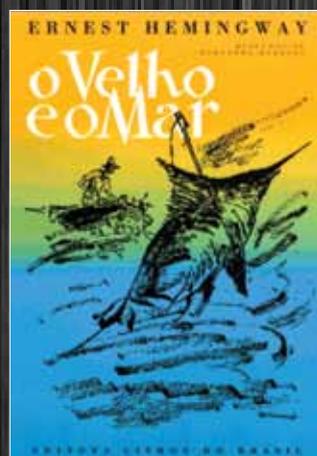
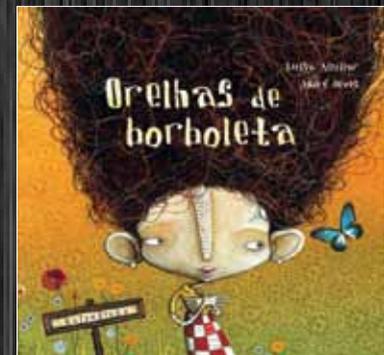
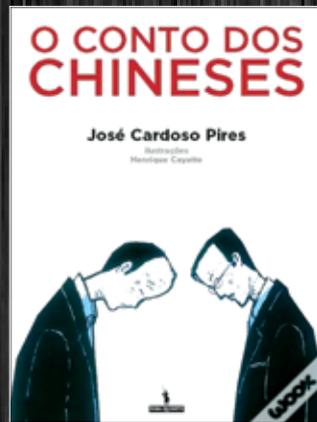
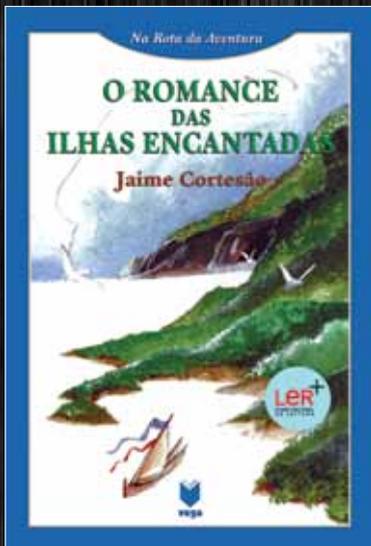


DIA 16 DE FEVEREIRO É INAUGURADA A 2ª FASE DO PARQUE DOS POETAS A ILHA DOS AMORES ESTÁ NO TOPO DAS ATENÇÕES

ENTREVISTA // PÁGS. 4 a 6

Plano Nacional de Leitura

Listas de livros não são exaustivas, são apenas indicativas, como refere Fernando Pinto do Amaral em entrevista.



LITERATURA // Págs. 18 e 19

Memória dos Livros Esquecidos 2

Com “o desnorte que se instalou na edição e difusão da literatura portuguesa, com a suicidária atitude da crítica” há livros que passam ignorados. Como no caso do romance Geografia do Medo, de Francisco Duarte Mangas, que recebeu o Prémio Eixo Atlântico de Narrativa Galaico-Portuguesa.

POR: DOMINGOS LOBO

CRÓNICA // Págs. 20 e 21

O amanhã é que importa

Texto baseado na apresentação no Seminário Internacional 125 anos da Ponte Internacional Valença-Tui. *Unindo gentes, territórios e culturas.* Onde é abordado o Património Cultural e questionada a forma de lidar com ele como herança passada e futura. “Nós somos usufruidores temporais e recebemos o Património como empréstimo”.

POR: RUDESINDO SOUTELO

PATRIMÓNIO // Pág. 23

Casas com História: Percursos Familiares (I)

“A história das casas seculares confunde-se, quase sempre, com a história do percurso das famílias que as habitaram e lhes deram continuidade. A casa onde se nascia, vivia e morria, era muito mais do que um mero repositório de memórias, costumes e tradições familiares”... A Casa de Vilar é a primeira de cinco a explorar.

POR: EMÍLIA NÓVOA FARIA



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
Email: artesentreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selector - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef: 80820655 - Fax: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis
António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | Levi Guerra
Lidia Jorge | Luisa Dacosta
Manoel de Oliveira | Mário Cláudio
Miguel Veiga | Oscar Lopes
Salvato Trigo | Urbano Tavares Rodrigues

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | António Fournier | António José Queiroz
Armando Alves | Carlos Cabral Nunes
Carlos Vaz | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa
Francisco d'Eulália
João Medina | Jorge Sanglard
J. Esteves Rei | Lauro António
Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim
Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo

PARCERIAS



APOIOS



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

Os mais velhos, com a sua sabedoria feita ora de experiência de vida ora de conhecimento dos livros, sempre afirmaram que é na adversidade que o ser humano mostra o seu carácter. E é assim que o véu se levanta sobre quem é covarde e quem é corajoso. É assim que se vê quem abandona o navio em primeiro lugar e quem se recusa a fazê-lo e aguenta firme a intempérie.

Carácter, Coragem, palavras que começam precisamente com a mesma letra de compadrio e de corrupção. Mas são palavras opostas, são antónimas e não sinónimas. É preciso coragem para combater a corrupção, é preciso carácter para não entrar em "compadrios" e são precisos comprimidos para avivar a memória dos que se esquecem de pagar milhões de euros de impostos. Mas hoje não vou por aí, porque pertenço ao grupo dos que não podem esquecer-se...

Hoje junto a minha e nossa voz a todos os que rejubilam com o Parque dos Poetas, em Oeiras, e com a boa nova da inauguração da segunda fase. Juntam-se às 20 já existentes, mais 30 esculturas de poetas e onze representativos de países lusófonos. Ao todo 61 obras esculpidas em hino à poesia, uma das formas mais corajosas de vencer o medo e lutar contra os déspotas de todos os tempos. Régio integra a primeira fase e entre ár-

vores e alas floridas recorda-nos no seu "Soneto quase Inédito" (1968)

Surge Janeiro frio e pardacento,
Descem da serra os lobos ao povoado;
Assentam-se os fantoches em São Bento
E o Decreto da fome é publicado.

Edita-se a novela do Orçamento;
Cresce a miséria ao povo amordaçado;
Mas os biltres do novo parlamento
Usufruem seis contos de ordenado. (...)

É, a força da palavra sempre assustou os covardes ditadores que a tentaram silenciar, ora mandando queimar livros, ora prendendo e matando os seus autores, ora proibindo o acesso à Cultura e Educação pelas mais diversas e indecorosas formas e leis. Mas a voz dos Poetas, considerada "maldita", permaneceu e permanece em pedra que resiste, persiste e insiste.

A todos, boas leituras em artes feitas.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Sala de Colecções Especiais Eugénio de Andrade

A Câmara Municipal do Porto procederá à abertura da Sala de Colecções Especiais Eugénio de Andrade, numa das alas do edifício da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Esta sala irá funcionar como um espaço de consulta de documentação especial, mas também como um núcleo evocativo da obra do poeta e da sua ligação à cidade do Porto,

com base na exposição de uma seleção de documentos e de obras de arte que integram o espólio do poeta. A abertura deste espaço, que terá lugar até ao final do primeiro semestre do ano, integra-se num programa de iniciativas em torno da vida e obra de Eugénio de Andrade que se prolongará durante 2013, ano em que o poeta faria 90 anos.



**Guilherme
d'Oliveira Martins**
presidente do CNC

O último número da revista «Didaskalia» da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, dirigida pelo Padre José Tolentino Mendonça (2012, vol. XLII, fascículo II) assinala os cinquenta anos do início do Concílio Vaticano II. Há um conjunto muito relevante de textos, permitindo-me destacar de Geraldo de Mori «O aggiornamento como categoria teológica», «Uma hermenêutica criativa ao serviço da renovação pastoral», de José Eduardo Borges de Pinho, a invocação de Michel de Certeau por Stella Morra, e os ensaios de José Manuel Pereira de Almeida sobre «Percurso da Teologia Moral» e de João Manuel Duque sobre «A condição do crente perante os desafios do futuro».

O «AGGIORNAMENTO» COMO TEMA

Vale a pena ler com atenção os textos publicados. Começemos por falar de «O aggiornamento como categoria teológica», de Geraldo de Mori, professor da Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte. Aí se dá nota do impulso fundamental animado por João XXIII e que explica o papel desempenhado pelo Papa nesse momento crucial da convocatória do Concílio. Para usar as palavras do Sumo Pontífice, tratou-se de abrir de par em par as janelas da Igreja para que o ar puro pudesse circular, sem medo de correntes de ar. O termo «aggiornamento» significou a rejeição do divórcio entre fé cristã e cultura ocidental, intensificado na era moderna, abrindo a Igreja para o diálogo universal com o novo, neste momento da história. No entanto, esse esforço de «pôr em dia» não teria sido possível sem as escolas teológicas do século XX, marcadas pela descoberta das fontes da vida cristã e da teologia e por uma nova atitude diante do presente e do futuro. Os principais autores dessas escolas foram responsáveis pela antecipação dos caminhos que o Concílio trilhou. Lembremo-nos da escola dominicana Le Saulchoir (Chenu, Congar e Schillebeeckx) ou das escolas jesuítas de Lyon-Fourvière (Lubac, Teilhard) e de Innsbruck (Rahner). Apesar de muitas incompreensões, o certo é que uma sólida fundamentação teológica de grandes pensadores levou a que o Concílio correspondesse a uma conjuntura excepcionalmente positiva para abrir caminhos novos, no sentido do que, com muita felicidade, João XXIII designou como um novo Pentecostes, «um movimento evangélico dinâmico e uma conversa aberta entre os bispos de todo o mundo sobre como renovar o catolicismo como estilo de vida inevitável e vital». E recordamo-nos da intervenção aberta e modernizadora de bispos portugueses como D. António Ferreira Gomes e D. Sebastião Soares de Resende. Temas cruciais foram: a volta às fontes, os sinais dos tempos e o desenvolvimento. Para o Padre Chenu: «Retornar a S. Tomás significava reencontrar o estado de invenção com que o espírito volta, justamente como à fonte sempre fecunda, a pôr os problemas para além das conclusões adquiridas uma vez por todas». E assim «voltar às fontes» corresponderia ao «desejo de redescoberta de elementos ignorados ou pouco explorados das fontes da fé e da tradição que pudessem iluminar o presente». Por outro lado, os «sinais dos tempos» fariam com que a teologia se aproximasse das «mediações a partir das quais (se poderia) pensar a

própria fé e sua compreensão nos diferentes contextos». A volta às fontes daria, assim, maior consciência das mudanças ocorridas ao longo da história do cristianismo. A tradição seria mais ampla e maleável do que a lógica retrospectiva. E a atenção aos sinais dos tempos abriria «os teólogos e a Igreja a uma maior solidariedade com o presente dando-lhes igualmente instrumentos que os capacitassem a melhor compreender os diferentes contextos nos quais a fé cristã era anunciada e crida, adquirindo assim maior sentido existencial e maior relevância social».

COM OS OLHOS POSTOS NO FUTURO - Longe de um retorno ao passado, a «volta às fontes» seria uma busca de Verdade, enquanto os «sinais dos tempos» não seriam apenas atenção ao presente e ao novo, mas adaptação às necessidades humanas de cada época. No dizer de O'Malley, o longo século XIX chegava ao fim, o que obrigava a encarar frontalmente o tema do desenvolvimento, que implicaria uma ideia de progresso não cumulativo e uma rotura, como aconteceu com a «Declaração sobre a Liberdade Religiosa». Como disse o Papa na abertura do Concílio: «É necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo». E assim a tradição torna-se um interlocutor aberto, com que dialogamos para dar «as razões da esperança cristã em seus distintos contextos» sociais e históricos. E a fé afirma-se como «um apelo ao seguimento de Cristo e isso repercute na vida dos cristãos, chamados a um testemunho que se traduz em caridade ativa e inventiva». E, deste modo, o «aggiornamento» torna-se categoria teológica, agindo sobre a leitura da Palavra, da Experiência e da Prática - como regra de amor e de compreensão do «Outro por excelência, que se oferece como dádiva de esperança e de graça».

RIQUEZA OFERECIDA, POR RECEBER - Neste sentido José Eduardo Borges de Pinho fala-nos de uma «hermenêutica criativa como desafio a uma profunda renovação pastoral», a partir do Concílio. A questão fundamental é de saber como faremos hoje um «autêntico e frutuoso acolhimento» desse acontecimento, que se mantém jovem apesar dos cinquenta anos de celebração. Impõe-se uma «tomada de consciência da amplitude e profundidade de alguns desafios que se apresentam e da urgência em definir prioridades na busca de caminhos que interpelem a consciência dos crentes e ajudem a configurar de forma renovada a vida das comu-

nidades cristãs». E o certo é que à «riqueza oferecida» ainda corresponde algo de não devidamente recebido. Impõe-se, assim, dar resposta à consciência cultural dos nossos contemporâneos. Por exemplo, a realidade familiar hoje alterou-se significativamente, mesmo para os cristãos, o que obriga a encontrar novas respostas de acolhimento e de comunhão. É indispensável procurar uma nova disponibilidade para «processos de aprendizagem, de criatividade e de reforma». Há medos que paralisam e inércias que desmoralizam, que devem ser considerados, de modo a abrir caminhos à «ação do Espírito» e aos sinais de Deus. A «pastoralidade» do Concílio não se confunde com relativização doutrinal, antes obriga à consideração do essencial da fé. «Isto exige dar prioridade absoluta e optar com todas as consequências por caminhos que conduzam a um laicado adulto, assente numa atitude crente pessoalmente assumida, disponível para e capaz de novas configurações da existência crente em termos de consciência pessoal, de liberdade responsável, de compromisso (individualmente assumido, mas comunitariamente suportado) ao serviço do mundo». E o certo é que o laicado adulto aponta para uma «colegialidade efetiva» e para a partilha de responsabilidades - dando consequência a uma renovação interior e a uma existência cristã coerente. Neste sentido, Michel de Certeau, não se tendo pronunciado profusamente sobre o Concílio prefere pensar o acontecimento não como tal, mas a partir dele, como revolução do credível que o Concílio reconhece, interpreta e inaugura - procurando «encontrar Deus em todas as coisas». Daí José Manuel Pereira de Almeida fazer uma pergunta que é um autêntico desafio: será a Igreja hoje ainda «eticamente habitável»? A resposta tem muito que se lhe diga, porque depende de nós mesmos. Afinal, ética provém de dois étimos gregos éthos e éthos, que significam, respetivamente, lugar seguro e interioridade, de um lado, e hábito ou forma de agir, de outro. Estamos, assim, a falar de habitabilidade e de hospitalidade. E temos de lembrar que o Concílio provocou uma alteração de paradigma na teologia moral: apresentando a consciência como «instância última da responsabilidade moral da pessoa» (como salienta Vítor Coutinho). E deste modo a liberdade responsável torna-se crucial, como recusa da indiferença e da mera relatividade. No fundo, ser crente cristão é «compreender a existência como ser a partir do outro e ser para o outro» (na expressão de João Manuel Duque), o que faz toda a diferença e apela ao respeito, à dignidade e à difícil diferença.

Plano Nacional de Leitura mantém principais actividades para 2013 e acrescenta outras...

Aposta na leitura tem sido uma revolução silenciosa

O comissário do Plano Nacional de Leitura explicou ao jornal *As Artes entre As Letras* as dificuldades, os entusiasmos e até abordou o futuro deste projecto que se iniciou em 2006 e que se deverá prolongar até ao ano lectivo de 2015/2016. Por email, Fernando Pinto do Amaral, professor universitário e escritor, não fugiu às críticas ao PNL, lembrando a subjectividade a que o gosto literário está sujeito. E lembrou que a aposta no incentivo à leitura começou há 30 anos, dizendo mesmo que “tem sido uma revolução silenciosa”.

**ISABEL
FERNANDES**

Ainda mantém o entusiasmo que sentiu quando assumiu o cargo de comissário do Plano Nacional de Leitura (PNL)?

Sim, o entusiasmo é o mesmo e até se tem reforçado, porque hoje conheço melhor o terreno e o trabalho dos professores e dos bibliotecários, enfim, de todos os que contribuem para a promoção da leitura. Trabalhamos em articulação com a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) e com as Bibliotecas Municipais. Isso faz com que também me aperceba do esforço que é feito por muitas autarquias na difusão da leitura. Aliás, a Rede de Leitura Pública começou a ser lançada há quase 30 anos, no tempo em que a Teresa Patrício Gouveia era secretária de Estado da Cultura, e tem mudado o panorama do nosso país. Todos os governos têm continuado essa aposta. Tem sido uma revolução silenciosa.

A tarefa está hoje mais difícil devido às restrições orçamentais ou mais fácil por já estar em andamento?

Quando eu cheguei, em 2009, o PNL e a RBE já estavam em execução, coordenados pela Isabel Alçada e pela Teresa Calçada, o que me facilitou a tarefa. Mas claro que há sempre novos desafios e novos problemas para resol-



ver. Não vou negar que a contenção orçamental nos tem afectado, mas com boa vontade e imaginação vamos tentando ultrapassar isso. De qualquer modo, as principais dificuldades, às vezes, acabam por ser de ordem burocrática. Portugal ainda é um país com muita burocracia, em que os organismos do Estado são morosos e não têm um funcionamento ágil. Se perguntar a qualquer investidor estrangeiro, os obstáculos mais citados são a lentidão da burocracia e do sistema de Justiça.

Os indicadores de Portugal nos estudos da OCDE em termos de literacia melhoraram desde a implantação do PNL, em 2006?

Sim, há vários indicadores que têm melhorado. Por exemplo, é o caso do interesse dos jovens pela leitura, objecto da avaliação externa feita pela equipa do Prof. Firmino da Costa (ISCTE). Mas também os resultados obtidos pelos nossos alunos nos testes PISA, a nível internacional. Situamo-nos hoje mais ou menos a meio da tabela no quadro da OCDE, o que corresponde a uma clara melhoria em relação ao que se passava há uns 10 ou 15 anos.

Mas considera que é um melhoramento real?

Julgo que houve um melhoramento, mas é difícil dizermos que está consolidado. O nosso

gumas sementes e que no futuro muitas iniciativas que hoje são dinamizadas pelo PNL possam ser integradas nas actividades normais das escolas. O que importa é criar boas práticas que se transformem em rotinas, como aliás já acontece com a Semana da Leitura ou o Concurso Nacional de Leitura.

O PNL foi ou está ameaçado com os cortes no Ministério da Educação e na Secretaria de Estado da Cultura?

Não sinto que o PNL esteja particularmente ameaçado. Pelo contrário, até temos tido um claro apoio da tutela mais directa (Educação) e também da Cultura. Agora, dito isto, a verdade é que todos os departamentos do Estado têm sofrido cortes devido à crise, e nós não somos uma ilha que esteja imune a esses efeitos.

Quem escolhe os autores e/ou obras a integrar a rede?

As obras são escolhidas por uma comissão de especialistas na área da literatura para crianças e jovens - comissão essa que aliás está em fase de renovação e que neste ano lectivo de 2012/2013 será integrada por alguns novos membros.

Que critérios são seguidos para a escolha das obras?

Os critérios são definidos pela comissão, mas, no essencial, deve ser privilegiada a qualidade literária. De qualquer modo, como estamos no domínio da Educação, também há que ter em conta os valores éticos veiculados por algumas obras. Para lhe dar um exemplo mais extremo, se houvesse um livro literariamente interessante, mas que fizesse a apologia de valores racistas ou que aconselhasse o assassinio em massa ou o genocídio, ele nunca poderia ser recomendado pelo PNL.

Há críticas, até por parte de autores que integram a rede, de não haver critério literário para integrar a lista de livros. Como vê estas críticas?

O gosto literário envolve sempre uma margem de subjectividade e ninguém pode considerar-se o juiz supremo nestas matérias, muito menos a comissão do PNL. O que lhe posso dizer é que estamos sempre abertos ao escrutínio do público e que, quando nos criticam, tentamos ouvir essas críticas e por vezes reconhecemos a sua razão de ser.

Como viu a polémica sobre a integração da obra de poesia para adultos de Alice Vieira no Plano Nacional de Leitura? Dá, de alguma forma, razão às críticas?

O que aconteceu no caso desse livro foi simplesmente uma troca de classificação. A obra estava seleccionada para a educação de adultos e foi parar às listas de livros sugeridos para

o 2º ano de escolaridade por um lapso informático. Pode acontecer a qualquer um, mas certamente os que protestam são pessoas infalíveis, que nunca cometeram erros... Claro que lamentamos o que se passou e a correcção foi feita de imediato. Para nós, esse assunto ficou encerrado. No entanto, sabendo que o nosso país não tem, graças a Deus, nenhuns problemas mais graves com que se preocupar, é possível que dentro de cinco ou dez anos ainda haja quem continue a falar do «escândalo» motivado por esse livro da Alice Vieira...

Podemos dizer que o grande objectivo do PNL é promover a leitura. A lista de livros que encontramos na rede é símbolo de qualidade? E, assim, ajuda a promover não só a leitura, mas a boa leitura?

Em geral, procuramos que sejam obras de qualidade, mas, como já lhe disse, os gostos literários são subjectivos. E as listas do PNL estão longe de ser exaustivas, são apenas indicativas. Há certamente excelentes obras literárias que não figuram nas listas.

“O PNL é composto por um conjunto de estratégias destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar”. Para além da lista de livros que integram a rede, que outras acções fazem parte das estratégias para 2013?

Em 2013 o PNL continuará a desenvolver as suas iniciativas habituais, como o Concurso Nacional de Leitura, a Semana da Leitura ou o Dia Mundial da Poesia, neste caso com a colaboração do CCB. Mas também temos alguns projectos novos, como o «Ler+ Jovem», que se destina a alunos do Ensino Secundário e que começará a ser posto em prática em 15 escolas do país. De qualquer modo, o esforço essencial é feito pelos professores e pelos bibliotecários no terreno. São eles os verdadeiros agentes promotores da leitura.

Tinha definido como “importante perceber porque é que determinados jovens numa certa fase da sua vida deixam de ler, e como se pode reactivar a leitura em certas idades”. Já tem algumas conclusões?

É difícil saber o que pode afastar um jovem da leitura, mas a partir de uma certa idade há cada vez mais solicitações exteriores que podem levar a esse afastamento. Os percursos pessoais vão divergindo. No entanto, assim como há adolescentes e adultos jovens que quase deixam de ler, há outros que acabam por redescobrir a leitura através do cinema, da Internet, ou por influência de amigos, de namoros, etc. Custa-me fazer generali-

esforço vai nesse sentido, mas neste género de coisas não há garantias. Qualquer trabalho sério ao nível da Educação é lento e por vezes demora uma geração a obter resultados mais sólidos.

Na sua opinião, faz sentido que o PNL se mantenha para sempre, ou chegará um tempo em que se esgota?

Não há nada que se mantenha para sempre, sobretudo nesta época em que tudo parece mudar tão depressa... Quanto ao PNL, foi concebido para vigorar durante 10 anos, a partir de 2006, e por isso deverá terminar no ano lectivo de 2015/2016. Espera-se que deixe al-

zações, porque cada caso é um caso. E ao contrário das crianças - em que a escola e os pais desempenham um papel mais decisivo - nos alunos mais velhos a leitura tem de ser feita por iniciativa própria, de acordo com o seu gosto.

Não há fórmulas de como ensinar alguém a ler por gosto...

Pois não... Precisamente porque não há fórmulas é que cada caso é diferente de outro. Aquilo que resulta com um jovem pode não resultar com outro. O principal é criar condições propícias à leitura, ou seja, pôr os livros à disposição dos jovens, por exemplo, nas bibliotecas escolares.

Conseguiu abrir o PNL à cultura, como tinha mostrado vontade?

Essa pergunta é difícil... Em todo o caso, acho que o PNL, embora mais ligado ao sistema educativo e às escolas, tem tentado abrir-se a uma dimensão cultural que excede o terreno estritamente escolar. Mas é uma tarefa sempre em aberto, que exige a colaboração de todos.

E a sensibilidade de escritor de Francisco José Viegas, enquanto ocupou o cargo de secretário de Estado da Cultura, foi proveitosa nesses objectivos?

Sim, o Francisco José Viegas sempre apoiou todas as iniciativas ligadas à promoção da leitura, por exemplo através da DGLAB [Direcção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas]. Mas o Jorge Barreto Xavier, de quem sou amigo há muitos anos, também tem manifestado essa intenção.

Não existe alguma contradição quando se implementa o PNL com os objectivos concretos que tem, e se retira, por exemplo, Camilo Castelo Branco dos currículos do ensino secundário?

Concordo consigo e é claro que existe uma contradição. Pessoalmente, sou contra essa exclusão de Camilo, e espero que as suas obras possam voltar aos programas do Ensino Secundário. Aliás, no último Outono, em Outubro e Novembro de 2012, o CCB - com o apoio do Ministério da Educação, do PNL e da Casa de Camilo, em Seide [Vila Nova de Famalicão] - promoveu um grande ciclo camiliano, incluindo conferências, debates, etc. E até houve um programa da RTP, o «Prós e Contras», dedicado ao Amor de Perdição. Camilo é para mim um autor fundamental e tem uns quatro ou cinco livros integrados nas listas do PNL.

De todas as actividades a que se dedica, qual lhe custaria mais abandonar?

Talvez a escrita... embora não seja daqueles

autores que precisam de estar sempre a escrever. Posso atravessar períodos em que quase não escrevo, mas depois há fases da minha vida em que preciso mesmo de escrever. Quando isso acontece, é um imperativo mais forte do que tudo o resto, e acabo por roubar tempo a outras actividades para me dedicar à escrita.

Também na escrita é muito versátil. Mas considera-se essencialmente um poeta? É nesse género literário que mais se encontra?

Sim, talvez a poesia ainda seja o mais forte, mas não lhe sei dizer com segurança... Funciono muito por fases, por ciclos, porque sou uma pessoa de temperamento obsessivo. Já publiquei um romance e um livro de contos, e a verdade é que nos últimos anos a prosa narrativa se tem tornado tão importante como a poesia.



Nunca se arrependeu de ter desistido do curso de Medicina para se dedicar apenas às Letras?

Não, nunca me arrependi disso. Quando optei pela Medicina, era muito jovem e talvez não tivesse bem a consciência do que queria fazer ao longo da vida. Naquela altura pareceu-me a continuação de um percurso natural, porque o meu pai era médico. Mas também não me arrependo dos anos em que por lá andei. Acho que a passagem pela Medicina me deu uma bagagem científica diferente e uma visão mais ampla dos seres humanos.

Como é que encara esta crise que vivemos no sentido em que ela está a cortar em tudo e a sua área de acção é das mais afectadas - Educação e Cultura?

É uma crise que nos tem afectado a todos e à qual ninguém está imune. Em todo o caso, devemos ter sempre uma visão de futu-

ro. Por isso, sectores como a Educação e a Cultura deveriam ser encarados, não como simples despesa pública, mas sobretudo como um investimento para o futuro. Digo isto porque, mesmo encarando as coisas numa perspectiva económica, todos os estudos mostram que melhores índices de literacia contribuem para o desenvolvimento económico.

Que Portugal teremos no fim de todas estas medidas de contenção?

Provavelmente um Portugal mais lúcido e mais consciente das suas limitações materiais, ou seja, com a noção de que o Estado, embora tendo um papel essencial, não consegue fazer tudo o que pensávamos ser possível há alguns anos. Isso também traz uma certa amargura, claro. Tenho receio de que o Estado desconfie dos cidadãos e que os cidadãos, por sua vez, desconfiem do Estado, o que pode minar o contrato social e a própria democracia. Por outro lado, a crise também pode ter consequências positivas, porque às vezes é nas épocas difíceis que mais se aprende e que se encontram soluções novas, por exemplo no campo do voluntariado, que se torna cada vez mais necessário.

E que Educação? Que Cultura?

Julgo que, mesmo com orçamentos mais contidos, será fundamental manter uma Educação acessível a toda a população, que não exclua ninguém por razões económicas e que permita uma real igualdade de oportunidades. Mas ao mesmo tempo uma Educação exigente, que puxe os alunos para cima e saiba resistir à tentação de os nivelar por baixo. Só assim a Educação cumprirá o seu papel e estimulará a mobilidade social. No que toca à Cultura, espero que tenhamos uma Cultura viva, capaz de se abrir aos nossos criadores culturais, sem medo de arriscar, mas também com a obrigação de defender o nosso património cultural, que tem muitas centenas de anos e que o Estado tem de preservar para as gerações futuras.

Que leitores teremos ou seremos?

O meu desejo é que sejam leitores sensíveis e inteligentes, que saibam pensar pela sua própria cabeça, com sentido crítico e autonomia de decisão. Isso só será conseguido com editoras criativas e dinâmicas, apoiadas em grupos editoriais sólidos, mas também com boas livrarias, onde haja verdadeira diversidade de escolha, e não apenas os últimos best-sellers. E não esquecendo boas bibliotecas, que fazem sempre falta. Bibliotecas onde os leitores se sintam bem e onde possam contactar com os livros gratuitamente. Nesta época de crise, é importante que ninguém deixe de ler só por motivos económicos.



Manuel G. Simões
professor

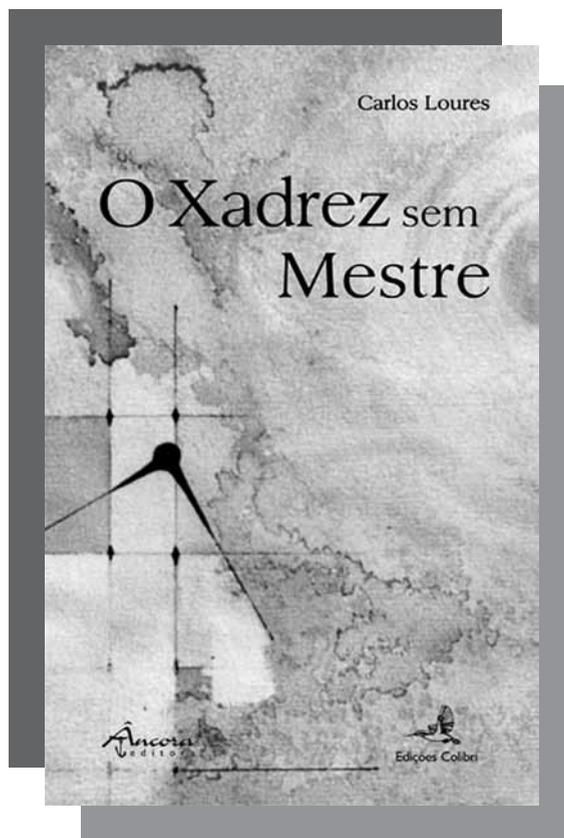
Estratégias de um Xadrez Político

O *Xadrez sem Mestre* (Âncora Ed./ Ed. Colibri, 2012) encerra uma trilogia romanesca que começou com *Talvez um Grito* (1985), a que se seguiu *A Mão Incendiada* (1995), constituindo uma espécie de “roman fleuve” na medida em que, narrando as três obras acções diversas, com histórias e personagens diferentes, o pano de fundo tem a ver com a luta activa pela conquista da liberdade e a resistência à noite de pedra imposta pelo Estado Novo, numa interacção que vê confluir os três romances em torno dos anos de algum modo marcados pela data simbólica de 1968.

O romance aqui analisado exhibe, por isso, um registo histórico, embora a efabulação que lhe serve de suporte não pretenda respeitar, em termos científicos, o ensaio histórico, mas deambule por territórios adjacentes a eventos que condicionaram a História política do país entre aquela data e o ano de 2008. E se os nomes dos protagonistas são fictícios, há elementos de implicação com a acção narrada que explicitamente são declarados e reconhecidos de imediato pelo leitor: figuras políticas determinantes, inspectores e chefes de brigada da famigerada PIDE/DGS, sem esquecer o seu director máximo. E cabe desde já dizer que *O Xadrez sem Mestre* é um romance político no sentido mais nobre porque, denunciando métodos e estratégias seguidos nos interrogatórios dos presos políticos, o discurso desencadeia uma série de reflexões que só podem ser lidos no âmbito da ética que uma sociedade dita civilizada não deveria infringir.

O núcleo central do romance é, pois, constituído por um processo político após a prisão de seis membros de uma célula dos chamados “Comités do Povo”, grupo ideologicamente heterogéneo mas dominado por elementos anarquistas. É aqui que o Autor patenteia um grande conhecimento da metodologia geral seguida nos gabinetes de interrogatório - não tivesse ele conhecido na pele, por duas vezes, os seus efeitos devastantes -, a qual podia assumir variantes significativas no caso de membros de famílias altamente influentes no regime político. Neste aspecto, com razão já Urbano Tavares Rodrigues, referindo-se ao primeiro romance da trilogia, teve oportunidade de sa-

liantar “que nenhuma obra de ficção foi até à data tão longe na exacta evocação dos processos de tortura dos rituais daquela polícia”. Com efeito, em *O Xadrez sem Mestre*, o Autor liberta de novo a sua criatividade, concedendo-nos páginas de uma grande capacidade expressiva quando refere, por exemplo, o teatro trágico encenado para influir psicologicamente sobre os presos já fragilizados, ou quando distingue os agentes que se ocupavam da “parte suja” que consistia na “tortura do sono” ou na da “estátua”:



sempre quatro agentes que representavam, em cena, “o mau, o péssimo, o indiferente e o bom”. E a “ciência” narrativa exprime-se particularmente na sequência dramática que, num crescendo de intensidade, atinge o clímax com a morte de Félix, segmento textual que envolve o leitor na tensão visiva da acção narrada.

O romance é construído a partir de uma arquitectura singular. Servindo-se dos signos temporais da prolepse e da analepse, o Autor produz uma contextura semântica aliciante, de modo

a configurá-la como um *thriller*. Basta ver o primeiro capítulo, datado de 18 de Março de 2008, onde se narra o assassinato de Avelino de Souza-Mello, implicado no processo político acima referido - que se desencadeou em Novembro de 1969 - e que não só traiu sem tortura os companheiros do grupo como se viria a tomar num colaborador da Pide, antes de se ausentar para o Brasil em 1969. Esta acção, que deveria constituir o epílogo, só nos finais do romance encontra a sua explicação com a referência implícita à mão que vingou o código de honra outrora vilipendiado - e que se pode ler, simbolicamente, como um ajuste de contas com o regime do Estado Novo -, voltando o processo de antecipação a ser implicado por efeito da analepse inscrita no final.

Sobre o título, que pode parecer estranho porque retoma uma obra conhecida que propõe um método de aprendizagem do xadrez, mas que encontra, ao longo do discurso, uma sua lógica interna, até pela epígrafe analógica extraída das *Odes de Ricardo Reis*, apenas uma breve explicação. De facto, para além das inúmeras referências ao rigor metodológico do jogo em si - aspecto visível igualmente na construção do romance, com a interacção dos capítulos como movimentos estudados -, sucede que um dos elementos do grupo, talvez o protagonista mais influente, é preso no momento em que jogava xadrez num café de uma cidade de província. Além disso, este personagem consegue, mais tarde, introduzir o jogo no presídio de Peniche e, mais importante ainda, o xadrez pode ser entendido como metáfora. Já em Peniche, o mesmo recorda o momento em que chegou à sede da Pide e, sem que o soubesse, “já o jogo ia muito adiantado - os peões foram sendo sacrificados, o rei estava a bom recato e a rainha salvara-se” (p.58), numa alusão ao tratamento benévolo reservado a dois protagonistas: por razões de ordem política, num caso, e de ordem sentimental, no outro.

FICHA

O Xadrez sem Mestre, Carlos Loures.
Âncora Ed./ Ed. Colibri, 2012.



Ramiro Teixeira
crítico literário

Drama de um presente que se formula no imaginário do ser

Conjunto de poemas ou poema único? Pelo sim, pelo não, aceito qualquer das versões: não apenas pela unidade estilística que fundamenta este conjunto de poemas, mas também pela visão do mundo que nos dá a conhecer; enfim, pela identidade que neles se estabelece, através de um quase monólogo elegiaco/festivo, que é tanto de maceração pessoal, quanto de exaltação pela natureza que o ser contempla, desde logo expressos no poema de abertura, «Bom dia madrugada»:

Bom dia madrugada

*Presenteaste-me com o cheiro da vida
Julguei que não conseguias sonhar
Organizaste o encontro da luz
Para que o sol brilhe no teu olhar
E depois de rires depois do pranto
Perdoas à vida a sua singela injustiça
E racionalmente ficaste orgulhoso
Perante a tua vitória sobre o absurdo
E a tua grande sensibilidade
Outrora contas de outros rosários
Que ficam por rezar na capela da alma
Fizeram de ti os sonhos que perfilham (p. 9).*

Repare-se como neste poema, que decorre aparentemente do prazer da existência, se justapõem as instâncias do Eu, o *presenteado*, e do Outro, *julguei que não conseguias sonhar*, ambos afirmando-se na vertigem de um real repartido entre o visível, a *madrugada*, e o indizível, *contas de outros rosários*.

De idêntico modo, traduz este poema a aproximação/distanciamento do sujeito sobre o real observado, pois se por um lado se compraz *com o cheiro da vida*, por outro, o *pranto* e o que fica *por rezar na capela da alma*, surgem ao declarante por acção de epifania ou do subconsciente. Tais pormenores não são casuais. De facto, se analisarmos este outro poema, que como todos os demais no primeiro verso adquire título:

O fantasma que de noite divaga dentro de ti

*É o dono da tua esquizofrenia há muito tempo
Nas catacumbas profundas do teu labirinto
Que tão sós com o destino se desmentem
E te fazem prisioneiro da nossa solidão
Para quando chegar o carteiro do bairro
Escreveres os poemas que não serão publicados
Porque do jogo percebes os truques baratos
De escribas e fariseus hipócritas velhos
Da tua fé naquilo a que chamas realidade
Mesmo que não seja lógica e esteja em contradição
Preferes defender a tradição conservadora
Do ego enaltecido e utopia convicta (p.24).*

Verificamos o mesmo diálogo/monólogo do Eu, o narrador do poema, com o Outro, *O fantasma que de noite divaga dentro de ti (...)* e *te fazem prisioneiro da nossa solidão*.

Quer dizer, praticamente desde o primeiro poema que o declarante se revela através duma dupla identidade em peculiar confronto de ideias e sentimentos:

O telefone tocou daquela maneira

*Que eu já conheço o toque da tua solidão
Convidaste-me para uma conversa amiga
Que eu sabia as respostas para te oferecer
Aquele conforto que sempre te dou nestas horas
Para decifrar o código da tua esquizofrenia
Que quando estás nesse comprimento de onda
Eu sinto a responsabilidade pedagógica
Para simplificar o discernir do teu cérebro
Que tanta confusão te faz pensares assim
No lago de nenúfares onde a pata do lago
Traz uma família que nunca quiseste para mim (p.36).*

Dupla personalidade, esquizofrenia? Pois será a última a comandar estes dizeres, a fazer fé nas referências de alguns versos. Mas que estranha forma ela assume, tendo em conta que nestes poemas não sobrevive o mais leve assomo de conflitualidade ou de violência para além do que o próprio experimenta dentro de si em existência repartida! Bem ao contrário, fora de si, o sentido amoroso, ainda que bloqueado pela tragédia da existência simultânea e imponderável de um Eu/Outro sobre o Ele e Ela, se revela no poema que se segue através duma delicadeza de sentimentos, não de todo exógeno ao conflito que vive no declarante, mas, em todo o caso, subordinado a uma lucidez sobre o seu estado mental e consequências que impedem uma normal relação entre o casal. A ver:

A varanda do restaurante sobre a barragem

*Dá-nos vistas largas no seu horizonte
De olharmos para o Mundo sem guerras
Olhei também para ti e que sorte era a minha
Quase preso ao imaginário do teu coração
Acendo um cigarro e comesas uma dissertação
Sobre a melhor filosofia do nosso amor
Que é a psicologia do movimento celeste
Para sabermos o comportamento para sempre
De sermos amigos em vez de casados
E guardarmos a lembrança que somos verdade (p.17).*

E assim também podemos concluir sobre a estranha presença de consciência social sobre o que se passa no mundo, como se, afinal, o depoente tivesse como emergência maior denunciar ou resolver os problemas humanos provocados pela falta de solidariedade, ao invés daqueles outros que o aprisionam a uma existência repartida. Ou como de forma lúcida e pessoalmente os interioriza, configurando-se como *velho vagabundo*, *assustando toda a gente* e levando as pessoas à *ideia de rejeição*...

O velho vagabundo entrou ontem no metropolitano

Assustando toda a gente com a sua barba exuberante
Levando aquelas pessoas à ideia de rejeição
Porque para elas aquilo é o limite da sanidade
Que nos transporta a conceitos da nossa infância
Para fazermos a distinção entre o fora e o dentro
Aonde pensamos no bom de ter cama feita
Longe de ideias estranhas e não liberais
Quando tu te regenerares sentirás o clique
E fizeres as contas do troco que deste à sociedade
Concluindo que o limite é uma sensação privada
Que cada um e todos nós somos humanos
E todos gostamos de ter um prato de sopa
Na bonança do fim de um dia de trabalho (p.22).

Ou ainda este outro poema de não menor consciência social, onde a par da declaração de naquele tempo não haver psiquiatria, ditado pela lucidez do Outro que se acavala no Eu, ou vice-versa, proclama que da lei da morte ninguém se liberta, havendo uns que dela se esqueçam, julgando e crucificando outros como se a eles não coubesse idêntico destino, e outros ainda que com ela convivem em comunhão natural, cuidando de semear e não apenas de propagandear paz e amor.

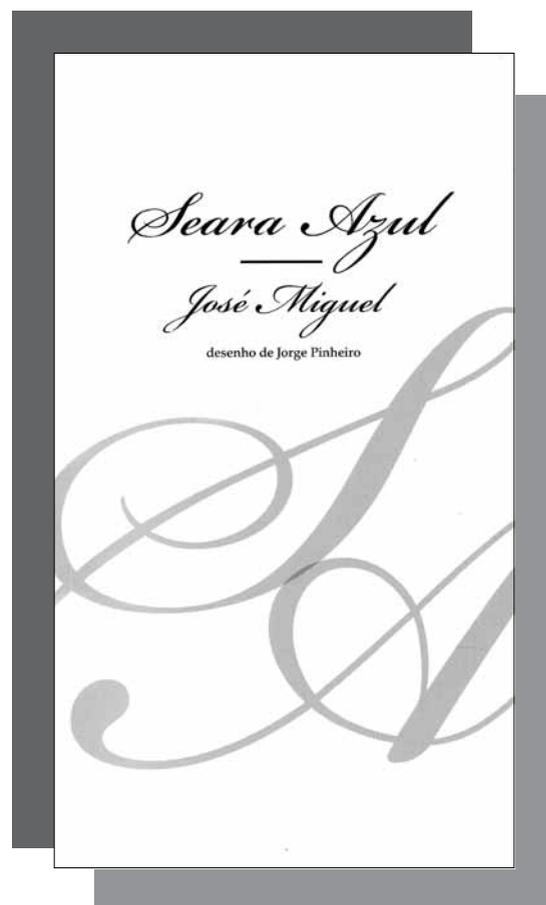
Levantaram-se as cítaras e as trompetas

Para anunciar o casamento da filha do Rei
Que seu esposo é cavaleiro e pretendido
Para um dia reinar o reino todo
Dos pobres e dos desamparados do mundo
Dos doentes e dos famélicos deste planeta
Que são todos os Lázarus da velha Bíblia
Onde também é referido que Jesus Cristo
Tinha uma solução para o fim da pobreza
Porque dizia: "Senhor a tua seara é grande manda mais trabalhadores para as searas"
E paga-lhes um ordenado justo
Assim resolvia o problema total de desemprego
E todos ganhavam dinheiro para casa e comida
Mas este Homem que tão feliz foi nesta ideia
Um dia expulsou os vendilhões do templo
E como naquele tempo não havia psiquiatria
Foi crucificado entre dois ladrões
E assim morrendo ensinou que nos devemos conter
E não apregoar a paz e o amor aos sete ventos
Para depois entrarmos em contradição
E acabarmos mortos pelos duros e cruéis
Para quem matar é mais importante do que amar
Porque da lei da morte não se conseguem libertar (p.40).

Não, não é normal uma tal dissecação de ser por um esquizofrénico. Ele o diz neste fragmento do poema «O Oposto Sinónimo da Chuva»:
(...) Apenas diferente porque sou esquizofrénico

*E vivo neste mundo de fantasia já experimentada
Onde sou esperto poeta da inteligência dos homens
Que cavalheiros decidiram ler estes poemas abertos
A todas as conchas que fechadas têm medo da realidade
Para mostrar que não existe apenas uma ideia
Mas também todas aquelas que eu escrevo para ti (p.29).*

Aceite a contingência do ser que assim se expressa, fica-nos por admiração a lucidez crítica sobre a existência sua e a dos outros, onde é *esperto poeta da inteligência dos homens*; o acerto dos recursos de que se vale, entre a metáfora e a ironia, através duma linguagem onde a elegância e a delicadeza permanecem como coisas naturais no seu ser. E não fora o aspecto formal destes poemas se inscreverem sem pontuação, pela emergência dum discurso sob tensão permanente que dela não cuida, mas que o leitor pode facilmente estabelecer, tão límpidos são, e eu finalizaria esta recensão com o acrescento de eles transportarem aquela espécie de música que só ressoa na grande poesia.





Paulo Andrade
professor de Literatura (Unesp/Assis)

Entre Iacyr Anderson e João Cabral de Melo Neto

Houve um sentido? Não foi tudo em vão?
Iacyr Anderson Freitas

Em *Viavária* (2010), livro mais recente do poeta de Juiz de Fora Iacyr Anderson Freitas, o leitor reconhece a filiação cabralina, no uso das quadras, no estilo descritivo e prosaico, na objetividade e rigor do corte, nas formas fixas e no ritmo, na intensa capacidade de reflexão e, sobretudo, na leitura crítica da realidade, questão que norteará a abordagem a seguir.

O poema «Viavária», que abre o livro homônimo, funciona como preâmbulo aos vários dramas históricos e individuais, encenados em nove séries, sobre os quais o poeta atravessa tempos e espaços para mostrar como o sistema de crenças, discursos e utopias, como a confiança no progresso, por exemplo, não passa de uma “ruína de erros”. Nesse jogo de olhar oblíquo para os eventos históricos, sua crítica insurge-se contra projetos desenvolvimentistas da modernidade burguesa.

Portador de uma voz comprometida, o eu lírico utiliza-se da linguagem da poesia para “unir, a frio, o que o acaso dissipou”. É nesse sentido que o livro se oferece como oblação, reiterando o forte valor de redenção da poesia. Mas seu humanismo solidário exclui qualquer efusão lírica sentimental, dissolvida pelo uso da ironia, e, às vezes, do humor, como arsenal crítico. Consciente de seu lugar, como sujeito histórico, essa voz ética posiciona-se, a um tempo, no passado e no presente, analisando eventos históricos do país, filtrados pela sua subjetividade e transfigurados, como forma de resistência, em linguagem poética crítica. É possível notar na poesia de Iacyr Anderson uma voz que conserva e pratica os valores do alto modernismo. Comentando a variedade temática de *Viavária*, Alexei Bueno (2010, p. 12) observa, no prefácio, que “a única coisa fixa, o centro e o cerne, é exatamente a voz” do eu lírico. De fato, a consciência crítica está constantemente armada para pôr em xeque as contradições dos discursos civilizatórios da modernidade, denunciando a presença sistemática de ciladas que, sob diferentes aspectos e desdobramentos, são sustentadas pelo discurso da razão e do saber, que o homem cria para si:

assim tão jovem me parece agora
essa ruína de erros: céus que se movem
para a morte, que entre livros se escora. (p. 17)

Chamo atenção para o traço polissêmico do título. *Viavária* pode significar desde a variedade temática, unida por profunda coerência interna, até a multiplicidade dos procedimentos

técnicos: variedade de versificação, de metro, de rima, de ritmo, extraídos do vasto repertório da tradição, da qual Iacyr Anderson Freitas é profundo conhecedor.

Em *Quaradouro* (2007), obra que marca os 25 anos de publicação do livro de estreia de Freitas, curiosamente, sua poesia se inscreve numa tradição órfica, presente, no modernismo brasileiro, na voz de Cecília Meireles e Jorge de Lima. Tal fato chama a atenção de Affonso Romano Sant’Anna, que aponta o caráter de “intemporalidade” na obra do poeta mineiro:

Agora não se trata apenas do “de onde” (espaço), mas “de quando” (tempo) está reverberando essa poesia. Assim, passado-presente-futuro se fundem numa atmosfera onírica. O “onde” e o “quando” também se fundem [...]. Sendo genuinamente órfica, há na poesia de Iacyr algo de hierático, de nobre”. (SANT’ANNA, 2007, p. 9)

Em *Viavária*, ao contrário, ganha espaço um eu lírico insurgente que arremete contra as promessas de emancipação humana da modernidade. Tal postura manifesta-se sob diferentes aspectos e desdobramentos nas diversas partes do livro, revelando contradições históricas como fracasso ou “ruínas de erros”.

Se o diálogo com a voz de João Cabral de Melo Neto é presença constante no livro, no poema «João Cabral: o método em visita» a gramática de contenção, precisão e concretude do mestre pernambucano se revela com todo vigor. Num gesto claro de aliança e homenagem, ressaltam os recursos técnicos do mestre revisitado:

Ser ao revés da cana:
algo que não se dobra.
Se o verso nos engana,
mudá-lo quando em obra.

Trazê-lo ao rés da fala,
sempre a menos garbosa.
Se o verso tudo embala,
fazer, em verso, prosa.

Para a cal de seu canto,
melhor outra demão:
para não cantar tanto
quando em exposição.
Que seja cal somente.
Pura, ácida, branca.
E, quando se apresente,
seja o que não se estanca

em tais frases de efeito,
que mal servem de azeite:
separam em mil leitões
o que é de corpo inteiro. (FREITAS, 2010, p. 69)

Concomitante ao processo de construção do verso, o poeta vai desnudando a sua encenação, deixando expostos artifícios e procedimentos de composição, a maquinaria e o material utilizado para se expressar. Utilizando o método cabralino de comparar pela oposição (“ser ao revés da cana/algo que não se dobra”), o que se pretende é o total “controle do discurso”, como observa Antonio Carlos Secchin (1985, p. 133), a respeito da escrita cabralina.

Ao submeter o verso à dobra, o poeta impõe seu domínio técnico sobre o impulso do canto, impedindo seu transbordamento. Lição ensinada por João Cabral, principalmente em «Ferrageiro de Carmona», publicado em *Crime na calle Relator* (1985-1987), no qual concebe a arte como enfiamento físico com o objeto:

Só trabalho em ferro forjado
que é quando se trabalha ferro;
então, corpo a corpo com ele
domo-o, dobro-o, até onde quero. (MELO NETO, 1994, p. 595)

Ferro forjado exige a “queda de braço/e o cara a cara de uma forja” (id., ibid.). O procedimento é semelhante às esculturas de chapa de ferro de Amílcar de Castro, que são cortadas, dobradas e torcidas, fazendo com que a nova forma exiba o esforço técnico do artista. *Viavária* dialoga, seja de modo direto, seja de forma sutil, como muitos poemas de Quaderna, sobretudo com «A palo seco», “poema-lema de todo o poeta cabralino, em sua dureza e em sua enxutez, em seu cortante laconismo” como sintetiza Haroldo de Campos (apud BARBOSA, 1975, p. 159).

Se diga palo seco
O cante sem guitarra;
O cante sem; o cante;
O cante sem mais nada;

Se diga palo seco
A esse cante despido:
Ao cante que se canta
Sob o silêncio a pino. (MELO NETO, 1994, p. 247)

Neste canto “a palo seco” afinam-se as semelhanças entre os dois poetas: o uso de quadras, versos de seis sílabas, a presença de referentes concretos e do prosaico descritivo, que potencializa a segurança e desempluma a linguagem, trazendo o verso ao “rés da fala”.

Iacyr Anderson persegue o recurso de “subtração” ou de “depuração” (SECCHIN, 1982) ou de uma “linguagem de carência” (BARBOSA, 1975, p. 163), expressões criadas para definir a poética cabralina. Se em «A palo seco» a linguagem da carência se figurativiza na paisagem, nas “paredes caídas”, Iacyr em «João Cabral: o método em visita» busca depurar ainda mais o seu

canto, ao aconselhar “outra demão” da cal, e ainda adverte: “Que seja cal somente./Pura, ácida, branca”.

Ética e estética

O poeta mineiro atinge um alto grau de construção formal sem perder de vista o centro de suas preocupações: a história do homem. Quer dizer, a sua sofisticação técnica que não impede a comunicação, como bem defende João Cabral no ensaio «Da função moderna da poesia».

O poeta moderno, que vive no individualismo mais exacerbado, sacrifica ao bem da expressão a intenção de se comunicar. [...] Apesar de os poetas terem logrado inventar o verso e a linguagem que a vida moderna estava a exigir, a verdade é que não conseguiram manter ou descobrir os tipos, gêneros ou formas de poemas dentro dos quais organizassem os materiais de sua expressão, a fim de tornarem-na capaz de entrar em comunicação com os homens nas condições que a vida social lhes impõe modernamente. (MELO NETO, 1994, p. 768-9)

Há em *Viavária* um sentimento de decepção com relação a certos projetos da modernidade, que, abordados por meio de diferentes temas e enfoques, deixa vaziar um sentimento de promessa não cumprida. Este traço está disseminado em imagens que concentram o olhar do leitor em um mesmo campo semântico: naufrágio (“onde navegações, um só naufrágio/em que pouco do mundo se salvara” - p.18), cilada, morte, doença. É um livro sobre fracassos, sobre tempos de desencanto, com o passado e com o presente. Em «Das cidades em fuga», o poeta nos lembra que a cidade - símbolo do esforço da civilização e das ações transformadoras da cultura - tem na Natureza sua origem e fundamento. Se o homem é construído pela cultura, ele, por sua vez é parte constituinte da natureza, como diz em “entrever o já visto”:

Cidades não se fazem
com nenhum improviso.
O que parece vago
teve traço preciso.

[...]

Só o fluxo, a rotina
de entrever o já visto
e dele retirar até o último cisto.

As pessoas não fundam
as cidades que alinham:
fazem-nas com o barro
que elas mesmas continham. (FREITAS, 2010, p. 21)

As transformações advindas das experiências da modernidade - e as cidades estão relacionadas com tais experiências - não podem romper com o passado, porque ele é inerente às transformações do presente. Se, pensando com Maria Cecília Pinto (2004, p. 226), ao surgir, a cidade preserva sua memória, “marca humana do permanente ao lado da criação original, cujo processo de conservação é o renovar-se por ciclos, na imagem perfeita da roda”, o discurso desenvolvimentista, que busca apagar o passado, por meio da transformação da natureza, numa permanente busca pelo novo, é mais um erro anunciado, como se vê em «Armadilha»:

Se nenhuma cidade
chegou a ser criada
sem antes um passado
lhe servir de calçada,

Se nenhuma chegou
a gerar-se do nada,
pois outras mil cidades
lhe cederam morada,

então toda a labuta
talvez esteja errada
e o que vemos no mapa
seja apenas uma cilada:

armadilha de quem,
ao dar sua cartada,
pensa fundar a terra
que lhe serviu de estrada. (idem, p. 22)

Insistindo na permanência da tradição no interior da modernidade, mesmo que ela se dê como rastros de memória, fragmentos de mosaico, a voz lírica nos lembra que povos ancestrais (“turcos, árabes, sírios, espanhóis, coreanos”) trazem na “bagagem/ um colar de cidades/ que ficaram à margem”. As cidades funcionam como palimpsestos (“Uma cidade feita/de cidades em fuga”), como diz o verso de «Os terrores mudados» (p. 25).

Desencanto e fracasso

Na base, o alvo a ser atingido é a crença no permanente discurso de ruptura que deslegitima a tradição, como se não houvesse outros modelos ou direções a seguir. Subvertendo esta lógica, Iacyr Anderson Freitas expõe as lacunas de tal discurso como se fossem apenas modos de “entrever o já visto”.

A “ruína de erros” anunciada na primeira parte da obra radicaliza-se na série «Quilombo», na qual a voz lírica denuncia a truculência dos bandeirantes, no século XVII, ampliando o raio de ação da voz crítica. Os treze poemas da série narram os planos do diabólico Domingos Jorge Velho, responsável pelo aniquilamento dos negros do Quilombo dos Palmares, em 1695: distribuiu “entre os escravos roupas de homens mortos pela variola” e, em seguida, facilitando a fuga, deu a eles condições para que fossem se refugiar no Quilombo, contaminando, assim, toda a comunidade, conforme registro dos historiadores Luis C. A. Costa e Leonel I. A. Mello, de cujo livro, *História do Brasil*, Iacyr retira a epígrafe da série. Este diálogo entre ética e estética é outro ponto de convergência entre a obra de Iacyr Anderson Freitas e a de João Cabral de Melo Neto. Em vários poemas de *Viavária* a visão crítica da realidade utiliza o cenário da urbe contemporânea, para expor os dramas individuais, como a miséria, o alcoolismo, o sonho falido de ir para a Europa em busca de melhores condições de vida, temas que reverberam, no tempo presente, a mesma “ruína de erros”. Em muitos momentos a crítica vem acompanhada de uma acidez e um tom de desencanto irônico, como em «Ring my bell»:

O salão quase vazio,
não mais que duas bruacas,
ambas com o mesmo cio
cantado no bate-estaca.

[...]

Ontem tudo foi promessa.
Agora perdeu-se o céu
onde entrariam, sem pressa,
na esteira de “Ring my Bell”. (p. 81)

Há uma terrível disjunção entre o ritmo dançante de «Ring my Bell», hit de Anita Ward, sucesso nas disco-

tecas dos anos 1970/1980 e o cenário de solidão, flagrado pelo olhar cruel do eu lírico, que observa, com distanciamento, o cenário de fim de noite: “Duas bruacas” num salão vazio.

Seja no passado, seja no presente, (“na eternidade/em que a pista se projeta,/ali onde a dança invade/o passado e sua seta”) tudo é decadência, solidão e vazio. O tema também se impõe, aliado à prostituição, no poema «Ceci na Via Selci, em Roma»:

Antes eu escolhia. Agora não.
Só de vez em quando sou escolhida.
Noites e noites cavando o meu pão
nos bares. Pergunto: isso é que é vida? (p. 82)

Os poemas se estruturam num jogo de oposições entre construção e corrosão no plano social e humano. A mensagem dos poemas geralmente se aproxima do caráter contraditório da modernidade, tal como foi formulado por Marshall Berman, em sua análise da sociedade e da cultura moderna. Para o sociólogo, ser moderno é viver num ambiente que promete “poder, alegria, crescimento, auto-transformação e transformação das coisas em redor” (1987, p. 15) ao mesmo tempo em que “ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (idem). A modernidade, para Berman, [...] une a espécie humana, porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (p. 15).

A ideia de corrosão, de desgaste, seja dos sistemas sociais, seja dos seres humanos, dialoga muito bem com o modo como João Cabral formaliza em «Paisagens com cupim»:

Por fora o manchado reboco
Vai-se afrouxando, mais poroso,
Enquanto o desfaz-se. Intestina,
O que era parede, em farinha.
E se não se gasta com choque,
Mas de dentro, tampouco explode.
Tudo ali sofre a morte mansa
Do que não quebra, se desmancha. (MELO NETO, 1994, p. 235)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, J. A. A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- BERMAN, M. Modernidade ontem, hoje, amanhã. In: Id. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15-33.
- BUENO, A. Prefácio. In: FREITAS, Iacyr. A. Viavária. São Paulo: Nankin, Juiz de Fora: Funalfa, 2010, p. 11-14.
- FREITAS, I. A. Viavária. São Paulo: Nankin, Juiz de Fora: Funalfa, 2010.
- PINTO, M. C. de M. Charles Baudelaire, poeta da cidade moderna. In: BARBOSA, S. (Org.). Tempo, espaço e utopia nas cidades. São Paulo: Cultura Acadêmica; Araraquara: Laboratório Editorial Unesp, 2004, p. 226.
- SECCHIN, A. C. João Cabral: a poesia do menos. São Paulo: Duas cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- SIMON, I. Considerações sobre a poesia brasileira em fim de século. Novos Estudos Cebrap, n. 55. São Paulo, nov. 1999.



José Almeida
doutorando da UP

Síndrome de Alexandria

Certo dia interrogaram-me sobre a origem da minha quase patológica obsessão pelos livros. Perante a ausência de uma resposta, interpelaram-me novamente, perguntando se eu não sabia a resposta. Contudo, a razão do meu silêncio era outra. Simplesmente, não sabia por onde começar a responder.

Ao meditarmos sobre a essência dos livros acabamos muitas vezes por confundi-la com a própria História da Humanidade. Repositórios físicos da memória dos homens, perpetuaram ao longo dos tempos o registo da actividade humana, com todos os seus avanços e recuos, testemunhando a incondicional acção criadora e quase-divina desta. Classificados entre outras formas como “sagrados” ou “malditos”, obras maiores ou menores, todos eles encerram em si mesmo reflexões, meditações, estudos, memórias, experiências, viagens interiores, criações literárias ou poéticas, entre outros aspectos protagonizados e partilhados pelos seus respectivos autores. Os livros surgem-nos deste modo como a materialização incondicional de um altruísmo militante, desinteressado ou não, mas por certo associado ao génio e engenho da mente humana.

Analogamente, os livros constituem ainda um elo de ligação entre o Tempo, a Palavra e o Homem, alimentando e orientando a alma e o espírito deste último. Entre o simbolismo e o carácter prático destas afirmações, deparamo-nos com uma ténue fronteira que poderá na realidade ser até inexistente, esfumando-se, caso olhemos para ela como um mero ponto de intersecção entre as diferentes percepções e interpretações intelectuais ou metafísicas operadas pela ‘intelligentia’ humana. Por outras palavras, os livros perpetuam a perenidade das mensagens que encerram, garantindo a passagem de um testemunho aos vindouros, futuros iniciados do saber e do conhecimento. Os livros permitem, paralelamente à transmissão temporal das obras e respectivas mensagens, um diálogo directo com os mestres que os escrevem. Não serão por isso despropositadas as palavras de Miguel Serrano na obra «O Círculo Hermético», onde podemos ler: “Tal como acontece com os homens, sempre me pareceu que os livros têm os seus destinos próprios e peculiares. Eles vão ao encontro das pessoas que os aguardam, alcançando-os no momento certo. Eles são feitos de materiais vivos continuando a emanar luz entre as trevas, mesmo após a morte de seus autores”.

Por estes e outros motivos, certas metáforas

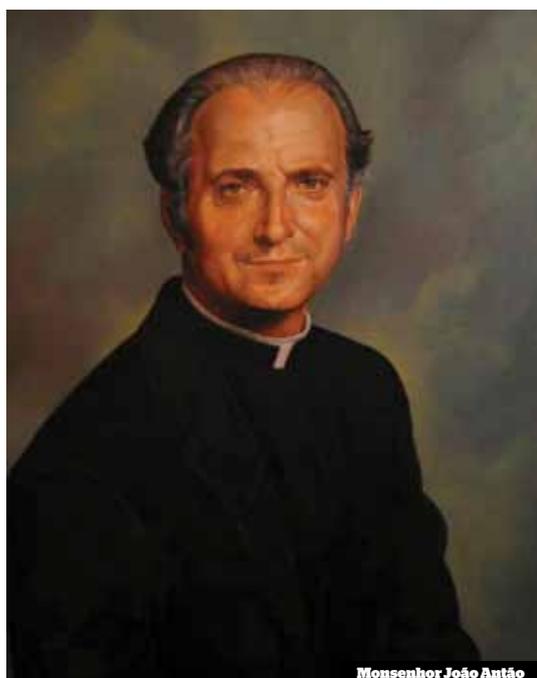


associadas aos livros sempre lhes assentaram bem. Um livro pode ser um amigo, uma companhia, um testemunho vivo, a luz de um determinado caminho ou, em alguns casos, o próprio caminho. Talvez por isso Fernando Pessoa terá escrito num dos seus papéis a seguinte nota em inglês: “I have one book ever by me”. Afinal, relacionamo-nos com os livros do mesmo modo, ou talvez até de uma forma mais próxima, com eles do que com outros homens e a própria natureza. É a partir deles que efectuamos uma arqueologia do saber, procurando reunir todos os pedaços da grande epopeia que representa a vida humana.

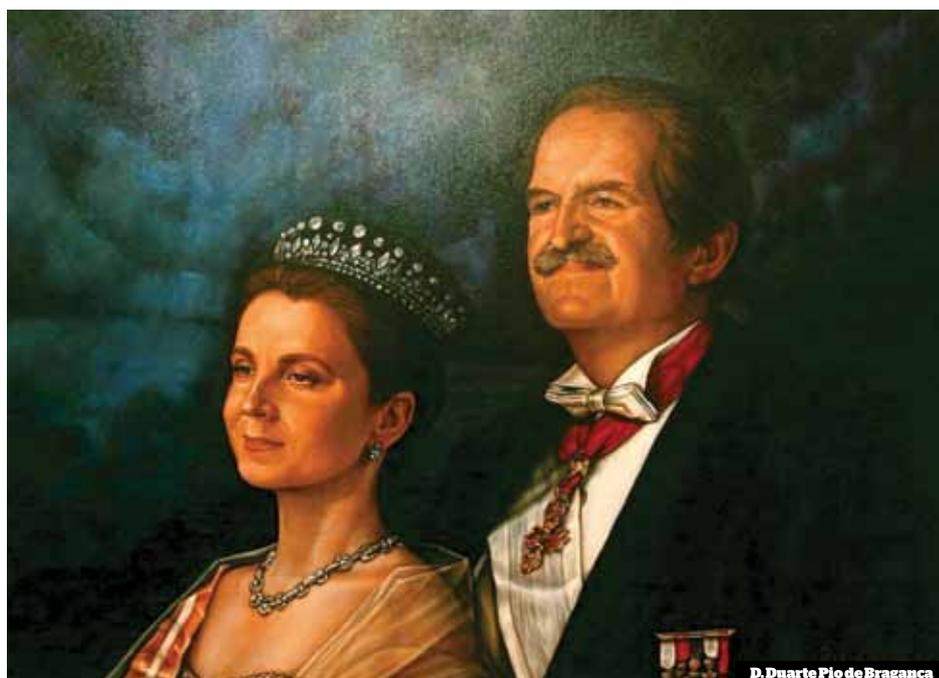
Por essa razão, existe sempre o livro que não li, ou seja, o próximo livro do meu percurso, da mi-

nha busca ou demanda pelo descobrimento do Eu encoberto. Contudo, haverá também o livro que nunca lerei. Afinal, as súmulas são por princípio obras póstumas e, ao que sei, os mortos ainda não as lêem. Ainda assim, apesar de cientes dessa realidade, prosseguimos utopicamente a nossa busca, por entre as mensagens dos livros de ontem, hoje e amanhã.

A essa demanda que muitos encaram como enfermidade, mas onde eu vejo um desígnio, chamo-lhe hoje síndrome de Alexandria que, não tendo nada a ver com qualquer doença neurodegenerativa, evoca sim a memória de uma das principais bibliotecas da antiguidade e um dos principais centros de conhecimento do mundo antigo.



Monsenhor João Antão



D. Duarte Pio de Bragança

Arte em Roger González

O pintor que sempre soube que o queria ser...

Roger González é um pintor norte-americano, que nasceu em Elizabeth, New Jersey (Estados Unidos da América) e que sempre quis ser pintor, apontando os três, quatro anos como a altura em que se descobriu para a pintura e admitindo que nunca quis ser outra coisa que não fosse artista plástico, pintor. “Católico e provocador” - assim se assume - mas “provocador no sentido clássico”, reconhece como grande obra da sua carreira os óleos que pintou para a Igreja Nossa Senhora de Fátima, em Elizabeth, a convite de Monsenhor João Antão, pároco da igreja à época e considerado como “uma das mais notáveis personalidades da nossa diáspora, no nosso tempo, reconhecido, igualmente, pelas duas pátrias em que dividiu a sua vida - Portugal e os EUA”. As pinturas que Roger González concretizou para a Igreja Católica Portuguesa em Elizabeth são de grande dimensão e foi na altura da inauguração do painel que recebeu o convite de D. Duarte Pio para que o pintasse. Sem ter crises de inspiração, o processo de pintar surge a este norte-americano que regressou a Elizabeth, depois de ter vivido e trabalhado em Nova Iorque, de forma “natural, transportando-o para uma outra di-

mensão, onde o pincel toma o seu próprio rumo”. Tanto se inspira numa taça de morangos como numa boa conversa e acredita que o mundo seria muito melhor se fosse governado por artistas e sente que sem pintar não respira. Tem actualmente em mãos o desafio de pintar o êxtase em Santa Teresa d’Ávila. O seu percurso pictórico conta com as fases de natureza morta, abstracionismo e modernismo até chegar ao figurativo onde mais se identifica e onde se fixou.

Não pinta sem ouvir música e cruza os sons do jazz, da música clássica - onde Beethoven é o eleito - e do fado - por Amália Rodrigues. Vive como que num triângulo de artes, completo pela poesia e Llosa, Neruda e Pessoa no topo das suas preferências. À pergunta: se tivesse que empregar a palavra Amor para além da família ao que seria, responde que seria “à humanidade” e é categórico a acrescentar que “o mundo vai mudar pela estética e pela arte!”



Roger González a trabalhar



A luz, a cor e a forma em «Estruturas II»

Maria Manuela Mendes da Silva expõe «Estruturas II» na Galeria Diogo Macedo da Casa-Museu Teixeira Lopes, Vila Nova de Gaia. Serão 25 obras em acrílico sobre tela de média e grande dimensão, todas sem título. O que dá uma maior liberdade a quem aprecia os trabalhos, pois quem vê não fica condicionado, não há qualquer sugestão a partir do título. «Estruturas II» dá sequência a «Estruturas I» que entre Março e Abril de 2012 foi apresentada no Museu Municipal de Espinho. «Estruturas» surge nesta fase expressionista abstracta da artista porque começa sempre com o preto a desenvolver o trabalho.

A pintura faz parte da vida de Maria Manuela Mendes da Silva e é o seu mundo, um mundo do qual o branco e o preto fazem parte integrante. Mas num conjunto harmonioso com todas as cores que usa. Sobre a obra e as cores na obra da artista Isabel Ponce de Leão escreveu: “O que vejo na arte de Manue-



la Mendes da Silva é uma especial vocação para o culto desta tendência enquanto expressão das emoções íntimas através de cores contrastantes, texturas e justaposição de camadas geradoras de uma sensação de movimento pulsátil e de profundidade”. “Quem a contemple [a pintura de Manuela Mendes da Silva], não procure facilidade ou imediatismo, mas sim perturbação, conflitualidade, por vezes apreensão, e esperança também que, aos poucos, se erigem dos traços e das cores que parecem querer ir muito além da tela que o circunscreve”. Sobre o preto: “O negro, sibilantemente, perpetra o jogo da ocultação e do desvendamento com a segurança de um direito dignamente adquirido”, no conjunto das cores que são usadas pela artista plástica que assume inspirar-se no que está à sua volta. Reconhece, contudo, que há três coisas centrais nessa visão inspiradora: o céu e o seu movimento ilusório; os pormenores e as luzes. Estas transportam-na para um mundo onde encontra a sua expressão e os pormenores que podem estar no mar, na cidade, no campo ou numa viagem de comboio são igualmente fundamentais para a pintura e a expressão de Manuela Mendes da Silva. Manuela Mendes da Silva que inicia sempre um trabalho em frente à tela branca senta-se há muitos anos no mesmo banco, igualmente branco. É um aspecto que não sabe explicar, uma particularidade que contribui para o ritual que tem um início e o fim é sempre o da sua perfeição. Cada novo projecto é o desafio mais importante da sua carreira a que se entrega totalmente. E quando o desafio «Estruturas II» está a chegar ao fim com o aproximar da exposição - a 2 de Fevereiro, às 15h30, e que ficará patente até ao dia 3 de Março -, está já a ensaiar o próximo que se baseará em tinta-da-china.

Devagar se vai longe.

Comece a poupar desde € 25/mês.

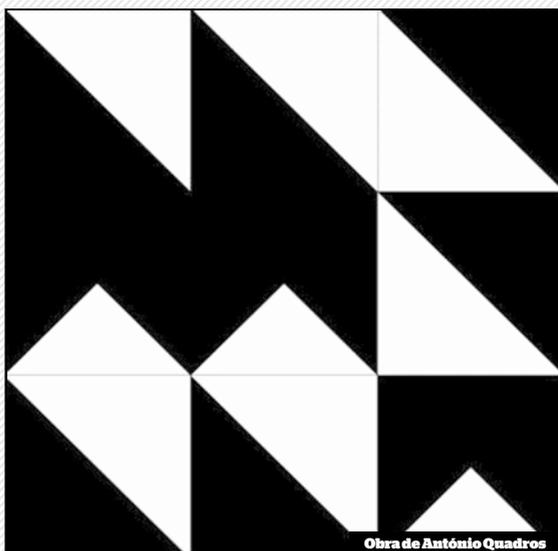
Com o BPI poupar é mais fácil.

A partir de € 25 por mês, crie o seu plano de poupança e escolha com total flexibilidade o montante, o prazo e o produto mais indicado para si. As condições do seu plano podem ser alteradas sempre que quiser.

Poupe, pouco a pouco, e verá como devagar se vai longe. Faça uma simulação em www.bancobpi.pt e veja as vantagens de poupar gradualmente.

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, www.bancobpi.pt e 800 22 10 22 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).

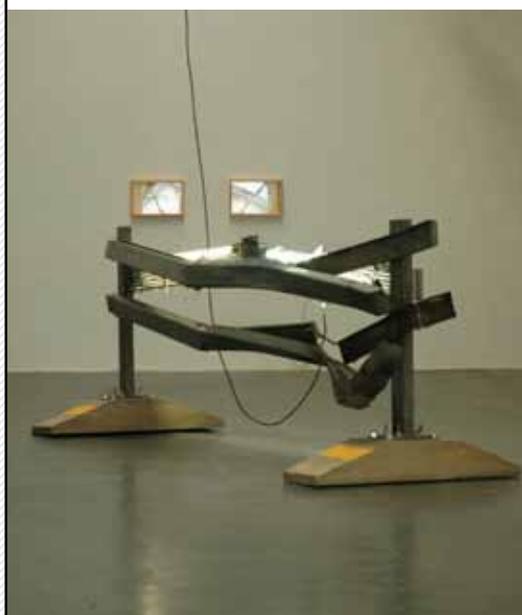




Obra de António Quadros

No Lugar do Desenho

O Lugar do Desenho | Fundação Júlio Resende (Gondomar) tem patente até ao dia 7 de Abril a mostra «Cosmogonies», de António Quadros Ferreira, na Sala de Exposições Temporárias. A Sala 3 acolhe «Smultronstället» de Ana Linhares, igualmente até ao dia 7 de Abril. Entretanto, continua patente até 13 de Outubro, na Sala do Acervo, a mostra «Caderno de Viagens de Júlio Resende Brasil».



Sinais isolados

De uma sociedade moderna que modela tudo em seu redor, nasce «Sinais isolados, meio isolados, entre outros acidentes», de Marco Fidalgo. A mostra de escultura está patente na Fábrica Social - Fundação José Rodrigues, no Porto, até ao dia 8 de Fevereiro.

Colectiva Artis 13

A Galeria de Arte do Casino Estoril abriu a sua programação de 2013 com a exposição Artis 13, que integra trabalhos de duas dezenas de artistas, nomes consagrados da pintura, da escultura, do desenho e da gravura, muitos deles, que se distinguiram nos Salões de Primavera, como Gil Maia, Maria Flores, Diogo Navarro, Maísa Champalimaud ou Rui Tavares. Patente até 13 de Fevereiro, a colectiva conta ainda com nomes de referência no mundo da arte, como Nadir Afonso, Manuel Cargaleiro, Maluda, António Joaquim, Manuel Taraio, Ophélia Marçal, Eduardo Alarcão, Fernando Gaspar, Gustavo Fernandes, Carybé e Calasans Neto.



Nadir Afonso

Maria Leal da Costa em Macau

A escultora Maria Leal da Costa expõe «Debaixo Destas Asas Me Aconchego» na galeria 2 e pátio do Albergue SCM (Macau), até ao dia 24 de Março. Numa organização do Albergue SCM e co-organização do Circulo dos Amigos da Cultura de Macau, a mostra tem o patrocínio da Fundação Macau.

«Pré-textos surreais»

A Galeria Carneiro Rodrigues, em Chaves, acolhe a exposição «Pré-textos surreais», de Orlando Pompeu. A mostra das obras do artista plástico está patente até ao dia 25 de Fevereiro.



«Magic Circle»

Jorge Curval expõe a série «Magic Circle» na Ap'Arte Galeria, no Porto até ao dia 23 de Fevereiro. São um conjuntos de obras em técnica mista sobre madeira.





Carlos Cabral Nunes
cabral_nunes@perve.org.pt

Palavras-actos #49

Tomo I. De partida. Partimos. Partimos sempre e em cada instante. Rumo ao futuro, se a história é linear. Ao passado se em nós uma força impele ao reencontro com o que fomos, no mais íntimo do ser.

Regresso a um tempo de frio e gelo. Torneiras enregeladas com água petrificada nos canos. Fechaduras abrindo-se por força do fogo ténue da chama de um isqueiro qualquer, de que já não guardo memória mas sei trazido no bolso para a ocasião e apenas para isso, pois que fumo e vício de fumo ainda não impregnavam estas veias.

Parto, por dentro de mim, a esse tempo em que a vida parecia ser toda de janelas por abrir. Em que cada ser era novidade e mistério e, sozinho, me fazia acompanhar dos mistérios de existir.

Na cidade mais fria, fiel, fraterna, feia ou formosa, fui feliz. Descobri em mim um ser capaz de quase tudo. Sofri muito, especialmente ausências que cobria de imaginário. Onde estarás, adolescência primeira, onde regressar a ti sendo já um outro?

Torno aos cinco efes da Guarda, sem saber quem os inventou nem me lembrar bem quais são. Sei do frio. Um frio que permite a luta, não traiçoeiro. E do incentivo à resistência.

Nestes tempos, depois do fim dos tempos-Maia, em que o ciclo se reinventa por dentro de si mesmo, em que a crisálida se constrói noutra ente, procurar a solução remete mais para o passado que inventámos no que fomos, do que para um futuro que desconhecemos. Será daí uma pedra, o sulco na terra ou a folha caindo lívida no mais fundo dos Outonos ou ainda e sempre uma espera adiada? Poderá bem ser que o que diga e faça não tenham senão o sentido parco das coisas do mundo efémero, das coisas perdidas, das vidraças quebradas com o passar do tempo, de cada tempus fugit. Mas o que sinto, isso, viaja em mim qual imanência, como o mar embatendo na rocha, como um desígnio, um tesouro esconso, uma nebulosa à deriva esperando o seu tempo e o seu firmamento.

Tomo II. Vivo este momento, entre frio e granitos conhecidos. Reencontro memórias antigas, fragmentos do que fui. Sítios que foram um outro algo, transformados agora numa qualquer outra coisa ou nada que reste. Um prédio devoluto devolve-me perguntas a que não sei, de certeza feita, dar resposta. Habitei aí, sei. Num tempo longínquo já. Na mesma altura em que vinham ao mundo, se tornavam mundo, centos de novos seres, hoje tornados importantes, um a um consumindo novas vidas, atafalhando baús de memórias futuras. A Dona Emília? Emérita cuidadora da casa e de nós quantos a habitávamos, onde estará, como estará? Terá morrido, penso, e o passeio povoa-se-me de mortos. Locais e pessoas. Mortos. Também eu me vou sentindo assim, num tempo em que a verdade nos assombra. E passo por onde agora uma montra exhibe atralhada malas e bugiganga colorida. Ostentando, profana, o nome "Sonhos", onde antes um colega de escola ajudava o pai na lida, vaivém de caixões. Sonhos de mortos, penso, à medida que a cidade se cobre de nevoeiro espesso. Súbito, alguém me interrompe o passo e me trata pelo nome, com a segurança dos velhos conhecidos e eu sem saber de que confins chegou. Uma cara vagamente familiar por entre destroços de um tempo antigo. Depois, mais tarde, lembrar-me por fim. Seria o filho da D. Emília. E que faria ele ali, àquela hora tardia com a cidade inteira recolhida? E eu, que faço eu aqui, remexendo num tempo que já não existe, numa vida que se acabou, que procurarei com isto? Tomo tempo ao tempo para inspirar novo ar, enquanto me afundo e deixo adensar a vigília. Sei que fui aqui feliz, mesmo quando quase tudo faltava a quase todos. Quando não havia "supers" sequer, quanto mais "hipers". Praticamente inexistentes os sítios onde hoje as gentes se afundam no consumo. Deve, nisto, haver alguma sabedoria ainda oculta que nos permita olhar para diante com outras certezas e melhores caminhos possíveis. Talvez isto, este movi-

mento pendular entre o que foi e o que pode vir a ser, seja a razão pela qual me atrevo adentrar em tão antigas vielas, em caminhos de vertiginosa aparência. Na Guarda. E nos permita vislumbrar o muito que temos. Mais do que ansiar pelo que poderia ser, neste início de 2013, interessa quedar-nos pelo que é, em cada instante, e fazer com que floresça essa semente a que alguém se lembrou de chamar esperança.

Tomo III. Nos 40 anos do jornal «Expresso» realizou-se no CCB um dia de conferências. A que mais importância assumiu, em torno da cultura no espaço da Lusofonia, contou com a presença de Ramos Horta, Joaquim Chissano e Celso Lafer. Foi sintomático observar que a sala não encheu, ao contrário das outras sessões, mais mediatizadas pela presença de Mário Soares, Durão Barroso e similares figuras de renome. Mas é igualmente sintoma de que ainda não percebemos duas coisas essenciais: que é no espaço que fala português que se decide muito do nosso futuro enquanto povo e que é necessário tornarmos a uma visão de mundo onde o conceito de miscigenação cultural seja efetivo, como o foi, em certa medida, aquando dos descobrimentos. O próprio termo tem de ser repensado. Faz seguramente mais sentido falar de Lusofonias, no plural, do que em apontar um determinismo unificador e singular que, na verdade, não existe. Isso mesmo procurei refletir na coleção que fui montando a partir de 1999 em torno de artistas que em Angola, Brasil, Cabo-Verde, Moçambique e Portugal buscaram referenciais capazes de exprimir uma cultura singularmente miscigenada. Parte dessa coleção esteve exposta no Senegal, em 2010 e, recentemente, em Oeiras, no belíssimo Palácio do Egipto, preparando-se para viajar para São Paulo, no âmbito das comemorações do Ano de Portugal no Brasil, aguardando apenas que, um dia, possa encontrar um local onde se fixe e se mostre em permanência.

PUB






Alfama - Rua das Escolas Gerais
n.º 17 e 19 | 1100-218 Lisboa

T 218822607/8 | 912521450

galeria@pervegaleria.eu
www.pervegaleria.eu




CARLOS ZINGARO
Seres Grotescos

EXPOSIÇÃO ANTOLÓGICA
40 anos de pintura

29 de Janeiro a 2 de Março



Domingos Lobo
escritor, programador cultural

Memória dos Livros Esquecidos 2

Geografia de «medos»

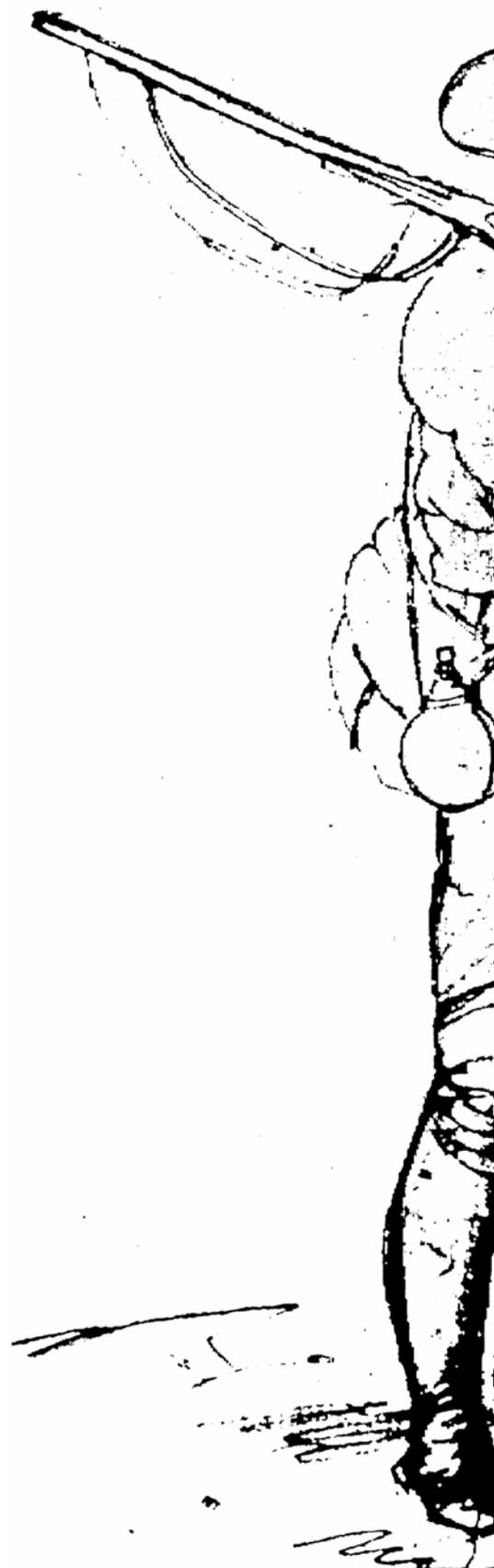
O desnorte que se instalou na edição e difusão da literatura portuguesa, com a suicidária atitude da crítica que não cumpre, como lhe compete, estudar e desenvolver os sentidos, a diversidade - estética, formal, estrutural - da nossa literatura, preferindo pronunciar-se - por comodismo; porque a "papinha já vem pronta a ser deglutida"; para não "arranjar chatices" (o meio é curto, a vida breve e há muita gente na fila a empurrar) - sobre os títulos que de fora nos chegam, a fazê-lo corajosa e lucidamente sobre os produtos dos nossos escribas, pode alcandorar-se motivo para que um livro raro e, a vários títulos, de excepção no actual panorama literário português, tenha passado quase ignorado pelo público e pela recensão nos média ditos "de referência": falo do romance *Geografia do Medo*, de Francisco Duarte Mangas, o qual nem a atribuição do Prémio Eixo Atlântico de Narrativa Galico-Portuguesa salvou do ostracismo. A crítica e os responsáveis editoriais lá terão, dir-se-ia, as suas opções de vida, mas põem em risco o futuro de uma literatura asseada e culta, o trabalho continuado e criativo sobre a língua, que alguns dos nossos mais exigentes escritores ainda teimam fazer, reduzindo, com a sua acção, os imaginários e a formação de públicos outros, e abre caminho, porque os deixa soltos, ufanos e auto convencidos, e sem denúncia, a toda a sorte de subprodutos literários que invadem os escaparates das nossas livrarias. É este panorama desolador que leva João Barrento a assumir-se pessimista e a desabafar, num texto publicado há uns anos no *Mil Folhas*: "Quanto à literatura em si mesma, a nossa, está aí, como pode estar hoje, produzindo textos como sempre desiguais, com picos e vales e uma mediania que actualmente inunda as mais vastas planícies, as grandes superfícies, do nosso espaço literário".

Hoje, a literatura que pensa e se debruça sobre as configurações da língua e da realidade portuguesa, perdeu espaço face à deriva mercantilista e mediocratizante da generalidade da prosa indígena, enfocando esta na lightização da tessitura romanesca, produzindo textinhos em série por agentes promovidos pelas televisões e pelas revistas cor-de-rosa. Do mesmo modo se condicionou a criação literária exigente, com os responsáveis editoriais a rejeitarem textos que não obedeçam aos padrões da moda, de forma a poderem ser exibidos, sem cons-

trangimentos, nos altares do consumo, entre a tronchuda e o rabanete. Não raro, sugere-se ao autor que mude a agulha e vá escrevinhando de acordo com os figurinos de importação - à Dan Brown, à Mansfield ou Nora Roberts - e se deixe de lirismos. Ou seja, certos editores claudicaram, deixaram de ser cúmplices dos autores, amantes da literatura, cultos e informados e passaram a agir como meros tecnocratas subservientes ao serviço do esbulho capital. E a crítica, enfeudada a critérios afins, ou pacóvia ou elitista, permite que o ranço se instale avassalador, porque as realidades que nos são familiares tornam-se, muitas vezes, as mais difíceis de definir¹. Relevo, no entanto, sobre este livro, um lúcido texto de José António Gomes, do Núcleo de Literatura e Artes da ESE, do Porto, e a recensão de Urbano T. Rodrigues para a *Colóquio Letras*, em que este afirma tratar-se de um romance de grande narrador, colorido, vivo, com diálogos ora pitorescos, ora assustadores, onde padres, camponeses, velhos e novos falam a linguagem natural dos costumes e sentimentos primitivos - e tão actuais.

É esta actualidade, este percurso sobre os medos, os ancestrais e os de hoje, que transfere para os nossos dias a metáfora da caça, do homem predador do homem, deste absurdo permanente de caçar e ser caçado - caçado, sobretudo. Quer nas guerrilhas republicano-monárquicas do início do século XX, quer nas matas africanas, quer nas serranias minhotas, na aldeia de Agra, com e sem furões, ou nas urbes do nosso contemporâneo desencanto. À caça, ou caçado, quando se está em território alheio, na mãe África, de Agostinho Neto, e não se sabe porque se caça ou se é caçado e dessa perplexidade, desse absurdo, jamais nos livraremos. Ou será, porque a caça dá felicidade? Um jogo, a vida, a morte, esta parábola, esta recorrência que atravessa os séculos e nos arrasta sempre para o mesmo fosso, igual redil: a memória do século XX é uma memória de morte, de morte e de medos - uma geografia do terror com o homem dentro. Por medo ou pelo prazer do jogo? Neste engenhoso e belo romance, Francisco Duarte Mangas encena a parábola dos medos com um prodigioso universo de leituras, com as elipses, as alternâncias, a heterodiege-se das falas, esse jogo consonante de narrador hábil, as componentes paratextuais no ponto, tornando esta narrativa um desafiador exercício de leitura; num permanente jogo cúmplice

e atento entre autor e leitor. Esta técnica narrativa vem aliada à contenção sintáctica e morfológica, ao irrepreensível domínio frásico, a lembrar Carlos de Oliveira, misturada com o torrencial telúrico, o peculiar linguístico de Aquilino. Francisco Duarte Mangas impõe, deste mo-





do, um processo estilístico e efabulatório que vem ao arripio do seu livro posterior *Os Bigodes de Dali*, no qual o autor investe sobre universos sincrónicos próximos do linguajar urbano, de uma pseudo-modernidade que, pela influência das televisões e de outros media, tenta

uniformizar a linguagem, expurgando-a de vibrações sintácticas, de um léxico mais exigente e criativo. *Geografia do Medo*, vem contrariar o processo de afunilamento da língua, alcançando-a a outros patamares, tornando-a mais plástica, mais metafórica, veloz como a palmeira, no dizer de Mía Couto, recuperando para a fala literária vocábulos que, nos desvarios hodiernos, fomos levados a esquecer ou quase ignorávamos. A literatura é, também, um exercício de recuperação e criação linguística, de fórmula metonímica, processo que F. Duarte Mangas cumpre, a rigor, neste magnífico texto.

Os medos, o itinerário íntimo dos medos, o medo que nos prenhe de cautelas, caldos de galinha, também de heroísmos esparsos, que o medo atíça engenhos, manhas e sofismas - de medos se faz esta geografia de espingardas ao ombro e cabeças à bandoleira, quer de pretos quer de láparos: tudo caça. Os medos são os do caçador em vias de caçado: a revolta de Paiva Couceiro, a guerra colonial, a guerra civil de Espanha, estórias andarilhas - medos nossos e alheios a entrarem-nos pelo portal, a fazerem moossa em meninges inquietas. Também de luta de classes, extremada: O Silveira trata os criados abaixo de rafeiro tihoso, será caçado, também ele, à bomba. Cenas de caça na alta Lusitânia em tempos infrenes. Cães e homens, matilhas perdidas pelos bosques de entre Douro e Minho, ou nas áfricas das coloniais usuras: a mesma caça, o mesmo zagalote, futricas perdidos em mundos aziagos. Também a geografia da fome, que não apenas a das serranias minhotas, que a perdiz furtiva e os láparos iludem de abastança. Tempos de desnortes vários, de viagens ao fundo de uma noite enorme, noite que parece prolongar-se como sina das lusas gentes.

O medo da fome que deixa as aldeias desertas de vozes e braços jovens, que fecha as casas ao mofo dos invernos e apenas o sol de Agosto as abre para um aceno breve; o brilho dos carros que vêm de além Pirenéus, a fala que se abre a francesismos de través: vacançãs, maison, merci; a busca da memória da infância a perder-se, esboroadã, nas ruas agora em silêncio, nas casas em ruína, no cheiro podre do estreme que ninguém retira de currais vazios. A alegria fingida dos dias breves de Agosto.

Dias de caça, dias do medo, fazem-se, estes dias, de muitas solidões, de muito estio, de vozes sem eco pelos caminhos da serra - uma paisagem de neblinas onde os rostos, o humano afago de um rosto conhecido, se esbatem no gelo das veredas. Também Duarte Mangas por lá anda, nestas escarpas de vento e medos, referido de passagem, à mistura com matula indígena que destas artes (da caça e não só) sabe o bastante para no-las contar em prosa enxuta, erguida e sedutora quase sempre, uma literatura que trabalha a língua, que a deixa madurar, vinho raro na geração de 90, a do autor, com

destreza e primor (e o Miguel Real a dizer-nos, com alguma razão, que esta geração faz uma prosa sem estrutura, sem língua, sem pátria e sem reflectir o país),² dono e senhor de um seguríssimo estilo, com as marcas todas que vêm já de *Diário de Link*.

Este jogo dos homens, a caça, quer de láparos ou de pretos nas matas angolanas, quer da PV-DE a arrancar, pelo sabugo, as unhas inocentes dos criados dos Silveiras, ou dos republicanos caçados pelos falangistas, ou os nacionalistas africanos tombados como tordos, ou a perna de um soldado luso voando desmembrada contra um embondeiro - tudo trofeus, medalhas para pôr ao peito ou à cintura, sangue colhido na memória dos povos. Predadores somos (Os predadores caçam, escreve o autor) com o medo à ilharga, mesmo quando o calor nos sufoca e nos seca e tolhe o medo. Os medos. Não se morre por fora, morre-se por dentro, e é essa morte contínua - a nossa e a das nossas presas - que nos há-de incendiar as noites como a coruja a arrufar terror no alto da torre da igreja, obrigando os homens, com seus temores, fantasmas e alucinações nocturnas, a apertar o testículo esquerdo para des-sacralizar os medos; que o medo vai ter tudo, como escreveu o O'Neill, se lhe deixarmos a porta entreaberta - vá de retro.

A literatura só existe quando os prazeres se conjugam: o de quem escreve e o de quem lê. E este é um desses raros momentos, raros livros.



NOTA

Geografia do Medo, Francisco Duarte Mangas
Colecção: *Estórias* - Ed. Teorema/1997.

¹ Tópicos Recuperados, David Mourão-Ferreira, p13
- Ed. Caminho - Lisboa, 1992

² Miguel Real, *Geração de 90* - Campo das Letras, Porto, 2001



Rudesindo Soutelo
compositor
e mestre em Educação Artística

O amanhã é que importa

O economista francês Jacques Attali, num livro de 2010 intitulado *Estaremos todos falidos dentro de dez anos?* esclarece que a primeira dívida do homem diz respeito à sua vida, que lhe foi emprestada por um deus, ou outra força qualquer, sem precisar a data de vencimento. Surge então o Édipo que tenta matar seu criador e erigir-se em criador de si mesmo inventando o super-homem. Desta forma, quem empresta o nome, o trabalho, o amor ou o dinheiro corre o risco de ser destruído por aqueles que consideram nada dever a ninguém. Inversamente, pedir emprestado gera consciência de finitude, de dependência, de perda de autonomia relativamente ao credor. Mas, contrair uma dívida é também ter a coragem de abraçar o futuro, ter novos projetos e esperanças¹.

Há dívidas boas e dívidas más. O problema é quando os devedores se transformam em otimistas incuráveis e consideram que o pior, mesmo que tenha sido anunciado, acabará por não lhes acontecer. Jacques Attali diz que quando se aposta num milagre o que acontece é o caos².

Arnold Schoenberg, no *Harmonielehre*, sua principal obra pedagógica, assume a tarefa de despertar no aluno a compreensão para o passado e, ao mesmo tempo, abrir-lhe perspectivas para o futuro ensinando a única coisa que é eterna: a mudança; e o que é transitório: a existência³. Pierre Schaeffer, no *Tratado dos objetos musicais*, afirma: "Se só fazemos a música que sabemos fazer, não fazemos mais do que perpetuar a banalidade"⁴. Se substituímos 'música' por qualquer outra arte, ciência ou ideia, podemos perceber a dimensão assustadora dessa proposição. Igor Stravinski, nas *Crónicas da minha vida*, acrescenta: "O que é original é insubstituível"⁵.

Estas citações suscitam algumas perguntas sobre como lidar com o Património cultural que recebemos e qual é o que vamos legar. Nós somos usufruidores temporais e recebemos o Património como empréstimo, como uma dívida pública da qual estamos obrigados a pagar os juros e, ainda, a devolver o principal, com algum acréscimo, às gerações vindouras. Também há os que optam por destruir o Património cultural para não pagar a dívida. Mas, como bem diz o filólogo Artur Anselmo, da Academia das Ciências de Lisboa, o presente já não 'faz perguntas', agora 'colocam-se questões'⁶. Matiz linguístico que Anselmo identifica como um signo da progressiva 'banalização' da nossa língua.

Em 1886, ano da inauguração da Ponte Internacional entre Tui e Valença, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche publica a sua obra *Para além do*

bem e do mal, onde diz que "o amor como paixão - que é a nossa especialidade europeia - foi inventado pelos poetas-cavaleiros provençais, esses seres humanos magníficos e inventivos da 'gaia ciência' a quem a Europa deve tantas coisas e a quem quase inteiramente se deve ela própria"⁷.

Esses magníficos poetas-cavaleiros, a quem se refere Nietzsche, são o nosso Património cultural mais singular. Apareceram na Occitânia do século XII e são fruto da cultura dos cátaros. Um coletivo religioso que procurava a pureza e a moralidade exemplares. As origens do catarismo continuam a ser objeto de estudo e discussão mas há autores, como Otto Rahn, que relacionam o priscilianismo do século IV - com forte implantação na Gallaecia romana - com o catarismo. Ambas são doutrinas gnósticas, que procuram a salvação pelo conhecimento mais do que pela fé. Afirma Rahn que foram os seguidores de Prisciliano os que converteram os druidas celtas ao cristianismo e seriam essas tradições célticas as que deram origem ao catarismo no século XIII⁸.

A memória do passado é a vontade de sobrevivência que nos afirma no presente. A realidade, segundo Agostinho de Hipona nas *Confissões* (Livro XI), não é mais do que o tempo em movimento e tanto o passado como o futuro existem só no agora. Afinal de contas, argumenta ele, "não existe agora aquilo que está para vir nem aquilo que passou", daí que o presente seja a única realidade na qual podemos conceber o passado e o futuro. Somos, pois, donos deste eterno presente e, portanto, responsáveis do que foi e do que há de ser. As pontes, por sua vez, são construções humanas para facilitar a comunicação. A qualidade da construção e a perdurabilidade dos materiais falam-nos da vontade que os seus artífices tiveram em permanecer presentes. A ponte mais importante é a que serve para comunicar as ideias. Quem controlar o trânsito dessa ponte possui o poder.

No século XIII, os cátaros foram vítimas do primeiro genocídio feito em nome do deus cristão contra cristãos. Antes disso, aqueles cavaleiros - que para além de poetas eram músicos - já espalharam a sua arte pela Europa ocidental e foram os primeiros a cantar nas línguas vernáculas, deixando de parte os latins do poder. O profano elevou-se à categoria divina e o sacro perdeu a qualidade de valor absoluto. Digamos que foi introduzido um ruído, uma blasfémia que alterou o imobilismo sepulcral do repetido discurso de poder da igreja romana. Não admira que o Papa Inocêncio III entrasse em pânico ao perceber que as mudanças suscitadas pela cultura cátara podiam



perturbar a sua posição de *Pontifex Maximum*.

Podem matar-se as pessoas - Prisciliano também fora torturado e decapitado no ano 385 - mas as ideias, quando se regam com sangue mártir, acrescentam o seu poder de convicção.

O poder já não se contenta com encenar a sua legitimidade, precisa armazenar a memória, congelar a história e o tempo, manipular a informação e difundir a sua mensagem. Jacques Attali, noutro livro sobre a economia política da música, revela que a realidade do poder pertence a quem pode reproduzir a fala divina, e não a quem só a enuncia. Dispor dos meios para controlar a repetição permite vigiar o ruído social e, se for preciso, impor o ruído do poder para fazer calar⁹. Já na primeira página desse ensaio, Attali esclarece que o mundo não se olha, ouve-se; não se lê, escuta-se. Ouvindo os ruídos poderemos compreender melhor para onde nos arrasta a loucura dos homens e das contas, e quais as esperanças ainda possíveis¹⁰. "Que é a decadência senão a confusão entre memória e repetição? E que é a barbárie senão a falta de memória?"¹¹ assevera Guilherme d'Oliveira Martins, Presidente do Centro Nacional de Cultura, na sua obra *Património, Herança e Memória*.

Aqueles poetas-cavaleiros-músicos cultuavam uma nova forma de liberdade que, segundo o in-



investigador brasileiro José d'Assunção Barros, “os tornava capazes de se alegrar sinceramente com a natureza, mas também de sofrer intensamente com a prática amorosa”. Conheciam-se pelo nome de ‘*trobadors*’ - na língua de oc, ‘trobar’ significava inventar ou encontrar - e criaram uma nova forma de compreender o mundo. Chega, mesmo, a dizer-se que eles inventaram um novo tipo de amor: o amor cortês¹². A progressiva ‘banalização’ da língua foi transformando aquele amor cortês em simples amor platónico, mas que nada tem a ver com o amor segundo Platão.

O filósofo alemão Walter Benjamin diz que “o valor singular da obra de arte ‘autêntica’ tem o seu fundamento no ritual em que adquiriu o seu valor de uso original e primeiro”¹³. Esse valor singular é a aura e o mistério da obra de arte que se instala no contexto das tradições como algo completamente vivo e extraordinariamente mutável, como um objeto de culto, de ritual mágico ou religioso.

Se aceitamos a teoria de Otto Rahn, na qual o priscilianismo está na origem da cultura cántara, o percurso realizado por este Património cultural europeu revela-se extraordinário pois nasce aqui, no noroeste peninsular - tardiamente romanizado - e propaga-se por toda a península e sul da França. Com “a grande claridade da Idade Média”,

segundo a expressão de Gustave Cohen¹⁴, reaviva-se na Occitânia. É o tempo dos trovadores mas também da polifonia que tem em Saint-Martial de Limoges um grande berço.

Embora fosse brutalmente perseguido, um novo conceito de conhecimento musical, estético, místico, económico, político ou científico semeou todo o ocidente. Quando essa ideia retorna, acrescentada, ao lugar onde adquirira esse valor de uso original e primeiro, produz renovadas formas de expressão. Alguns investigadores consideram que os trovadores galaico-portugueses são uma síntese do movimento trovadoresco europeu¹⁵ e outros que é a reelaboração de uma tradição poética arábico-andaluz¹⁶. Mas há uma outra opção que aponta para a tradição poética originada aqui pelo priscilianismo e que, no contacto com a lírica provençal, deu frutos como as cantigas de amigo, de amor, de escárnio e de maldizer. O curioso é que os primeiros dez versos, documentados, na nossa língua foram escritos por um trovador provençal, Raimbaut de Vaqueiras, entre 1195 e 1203, num *descort* plurilíngue¹⁷, género provençal de métrica irregular (literalmente é discórdia ou dissonância).

O priscilianismo é, pois, a grande ponte europeia que permanece na nossa cultura como um substrato ao longo dos séculos. Tão firme é esse substrato que são muitos a acreditar que a origem das peregrinações a Compostela é precisamente o sepulcro de Prisciliano. No século XIX o priscilianismo renasceu com um renovado ímpeto, esta vez no saudosismo de Teixeira de Pascoaes - “A Saudade é a eterna renascença... a *Manhã de Nevoeiro: a Primavera perpétua: é um estado de alma latente que amanhã será Consciência*”¹⁸. Elias Torres, da Universidade de Compostela, afirma que muitos autores “alicerçam esta identidade na Saudade, cuja maior expressão na Galiza seria Rosalia Castro, embora nela a saudade apareça com vertente diferente e individual”¹⁹.

Entre as medidas propostas por Attali para sair da crise, há duas muito importantes: a) Aumentar o ativo intelectual do país; e b) Reforçar as infraestruturas de mobilidade²⁰. Ambas resumem o espírito daqueles poetas-cavaleiros-músicos mas também entroncam com a proposta de Oliveira Martins, introduzida na Convenção-Quadro do Conselho da Europa (2005), de um novo conceito de Património cultural orientado para as pessoas mais do que para os objetos, entendendo que a cultura é uma criação humana e “valor primordial ou valor-fonte de todos os demais valores”²¹. Não foi preciso esperar dez anos para que se cumprisse o prognóstico de Jacques Attali e compro-

var que estamos todos falidos por uma dívida que não é nossa, já que nada nos foi emprestado, mas que, os que controlam o ruído do poder, repetem que devemos arrepende-nos dos seus pecados.

A dívida que ainda devemos contrair é a do Património cultural e intelectual e ter a coragem de construir uma ponte para o futuro, ter novos projetos e esperanças, reinventar o amor como paixão, recuperar o valor singular, ritual, da aura, do mistério que saiu daqui no século IV e retornou no século XIII com uma enorme vontade de transcender, porque o que importa é o amanhã.

Uma primeira redação foi apresentada no *Seminário Internacional 125 anos da Ponte Internacional Valença-Tui. Unindo gentes, territórios e culturas*. Organizado pela UNED (Universidade de Educação a Distância). Tui-Valença: 19-III-2011.

NOTA

- 1 Attali, J. (2010). *Estaremos todos falidos dentro de dez anos?* (M. Figueiredo, & C. Marques, Trans.) Lisboa: Aletheia, pp. 7-8.
- 2 *Ibid.*, pp. 97-98.
- 3 Schoenberg, A. (1999). *Harmonia*. (M. Maluf, Trad.) São Paulo: UNESP, p. 72.
- 4 Schaeffer, P. (2008). *Tratado de los objetos musicales* (3ª ed.). (A. Cabezon de Diego, Trad.) Madrid: Alianza Editorial, p. 335.
- 5 Stravinski, Í. (2005). *Crónicas de mi vida*. (E. Villalonga, Trad.) Barcelona: Alba Editorial, p. 177.
- 6 Anselmo, A. (16 de Março de 2009). Língua portuguesa é ‘obra-prima’ vítima de ‘banalização’ afirma o filólogo Artur Anselmo. *Público*, p. <http://publico.pt/1369376>.
- 7 Nietzsche, F. (1997). *Para além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 85.
- 8 Rahn, O. (2007). *Cruzada contra o Graal*. Lisboa: Via Occidentalis.
- 9 Attali, J. (1977). *Ruidos. Ensayo sobre la economía política de la música*. Valência: Ruedo Ibérico, p. 175.
- 10 *Ibid.*, p. 9.
- 11 Martins, G. d'O. (2009). *Património, herança e memória. A cultura como criação*. Lisboa: Gradiva, p. 49.
- 12 Barros, J. D. (Abril-Outubro de 2007). A gaia ciência dos trovadores medievais. *Revista de Ciências Humanas* (Florianópolis - EDUFSC), 41, n. 1 e 2, 83 - 110, p. 84.
- 13 Benjamin, W. (1992). A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica (1936-1939). In *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política* (M. L. Moita, Trad., pp. 71-113). Lisboa: Relógio D'Água, p. 82.
- 14 Cohen, G. (1965). *La gran claridad de la Edad Media*. (J. L. Romero, Trad.) Buenos Aires: Huemul.
- 15 Barros, J. D. *op. cit.*, p. 86.
- 16 Ferreira, M. P. (2009). *Aspectos da Música Medieval no Ocidente Peninsular* (Vol. I). Lisboa: INCM-Fundação Gulbenkian, p. 24.
- 17 *Ibid.*, pp. 16-18.
- 18 Pascoaes, T. d. (1988). *A saudade e o saudosismo: dispersos e opúsculos* (Vol. 7). (J. P. Gomes, Ed.) Lisboa: Assírio & Alvim, p. 25.
- 19 Torres Feijó, E. (Janeiro-Junho de 2009). A fabricação de ideias sobre o mundo lusófono na literatura galega na década de 70: construção em perspectiva. *Navegações (Porto Alegre)*, 2, nr. 1, 24-30, p. 26.
- 20 Attali, J. (2010). *op. cit.*, pp. 143-144.
- 21 Martins, G. d'O. *op. cit.*, p. 23.



J. A. Gonçalves Guimarães
amigo e confrade de ACM
amigo protocolado da FEQ



Eça & Outras

Vínculos Quebrantáveis

Passada a euforia esperada do golpe militar de 25 de Abril de 1974, talvez consciente dos seus previsíveis falhanços, a sociedade portuguesa com alguma cultura foi à História buscar alguns porquês e procurar um fio condutor para o devir do qual, felizmente, não desiste.

Creio ser este fenómeno, obviamente merecedor de maior explanação, que, desde os anos oitenta do século passado, justifica o afã editorial de várias e múltiplas histórias de Portugal produzidas, na maior parte dos seus capítulos, por historiadores profissionais. Mas nestes trinta anos assistiu-se também à chegada de jovens historiadores à História Local e Regional até aí, e salvo raras excepções, quase domínio exclusivo dos memorialistas locais e de profissionais de outras artes, os quais, desprezando o saber das profissões que lhes deram status e largueza de bolsa, descobrem-se na senectude vocacionados para as histórias, tirando as mais das vezes o ganha-pão àqueles novos operários da memória, pois a classe dominante que os acalenta, protege e paga não distingue a História das fantasias literárias e, assim como assim, prefere estas por mais inofensivas, pois que a memória escrita, se quando colectiva é glória, quando se aproxima do diário pessoal é para eles preocupação séria que só as mitologias dos grupos e instituições mitigam, abafam ou escondem.

No caso do presente livro do Doutor Nuno Resende resultante da sua tese de mestrado, agora editado pela Palimage com a colaboração da Confraria Queirosiana, estamos perante uma obra cujo rigor científico não desmerece da bondade evocativa que a História deverá ter, aquele sorriso generosamente humano que o historiador oferece àqueles que nos precederam na estrada larga da vida. Aqui documentalmente se conta como um clérigo do século XVI, morador no Porto, se preocupou com o futuro de seu filho deixando-lhe um morgadio em Cinfães, o qual deveria ter serenamente passado de geração em geração, através de fi-

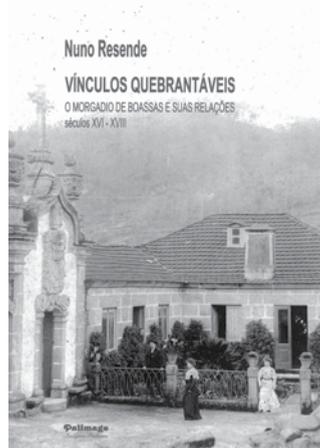
lhos legítimos, segundo a lei e a moral social vigente. Mas o homem põe e a vida dispõe e, mais uma vez, temos aqui um exemplo de que as estratégias matrimoniais, que os românticos europeus tanto ridicularizaram noutras civilizações, nem sempre funcionaram, e que a família nem sempre foi o bom espelho da ordem social, sendo antes, bem pelo contrário, um palco de conflitos, uma feira de ganâncias, uma mina permanente para a raposidade de causídicos.

Tendo esta obra resultado da generosidade esclarecida que permitiu a salvaguarda de um arquivo de família tratado por um jovem historiador já com obra sólida, este livro mostra como a história, por mais particular e localizada que seja, pode ser

um capital para os viventes, escola de tolerância e compreensão para com as humanas misérias dos que já partiram, para que a sociedade, se não já a de agora pelo menos a de amanhã, venha a tornar-se a utopia dos paraísos que a humanidade tem ardentemente desejado.

A obra Vínculos Quebrantáveis tem, além do mais, um felicíssimo título: a sua irreconciliável contradição é afinal a história de Jorge Vaz Campele e a dos seus descendentes e herdeiros nestes últimos quatro séculos e meio: por ela per-

passam todos os defeitos e virtudes que se exibiram numa terra e numa paisagem concretas, mas ao mesmo tempo tão cheios de universalidades que oscilam entre os dogmas das instituições e as quotidianas velhacarias dos que pensam viver à custa da fazenda alheia, neste caso dos parentes, dos chegados, dos do mesmo sangue e do mesmo afecto matricial. Leiam-no e vejam do que é que a sociedade portuguesa tem sido feita e onde o povo tem ido buscar os exemplos desde quinhentos até aos dias de hoje, com tanto vínculo desatado e com quebrantos que nos têm tolhido. Lendo os de outros tempos e pessoas talvez possamos esconjurar os nossos, os de agora. Útil tarefa a do historiador.



Congresso, colóquios e jornadas

Para além da Jornada Queirosiana de Sintra (16 de Fevereiro) e do Fórum Internacional de Sinologia em Leiria (21 a 23 de Fevereiro), vai decorrer na Golegã e Chamusca entre 15 e 19 de Maio o «I Congresso Internacional O Cavalo e o Touro na Pré-História e na História» e, entre 27 e 29 de Junho no Parque Biológico de Gaia, «Suevos e Visigodos no Noroeste Peninsular - Colóquio Arqueológico do Castelo de Crestuma», este último em colaboração com o Gabinete de História, Arqueologia e Património dos ASCR-CQ. Em todos eles estarão presentes sócios e confrades queirosianos.

Cursos e palestras

Prossegue no Solar Condes de Resende o curso livre «Esplendor da Arqueologia: Ciência Cultural e Turismo», com aulas de Manuel Real (2 de Fevereiro) e seguintes. Continua igualmente o curso de Pintura pela Professora Paula Alves e a iniciação ao bridge pelo Juiz Desembargador Calheiros Lobo. Às 5.ªs feiras, tertúlias queirosianas às 21 horas com diversos temas e palestrantes.

Novo blogue queirosiano

O Professor Doutor Carlos Reis, nosso confrade e director do Departamento de Línguas, Literatura e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, criou um novo blogue queirosiano, com o seguinte endereço electrónico: www.queirosiana.wordpress.com, ao qual os interessados poderão ser adicionados como seguidores e assim ficarem a par das mais recentes novidades sobre os textos de Eça.

Email

queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blogspot.com
eca-e-outras.blogspot.com

Coordenação da página

queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:

Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas VN. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telem.: 968 193 238



Emília Nóvoa Faria
investigadora

Casas com História: Percursos Familiares (I)

Casa de Vilar

A história das casas seculares confunde-se, quase sempre, com a história do percurso das famílias que as habitaram e lhes deram continuidade. A casa onde se nascia, vivia e morria, era muito mais do que um mero repositório de memórias, costumes e tradições familiares que importava preservar para transmitir às gerações futuras. Representava a imagem de identidade da família, associada, não raras vezes, a figuras de antepassados que se notabilizaram.

As cinco casas de que nos iremos ocupar, numa série de artigos sob o título Casas com História: Percursos Familiares, inserem-se na paisagem típica das quintas do Minho oitocentista. De entre elas, apenas a Casa de Boamense e a Casa do Mosteiro de Landim sobreviveram à passagem dos séculos, mantendo-se ininterruptamente na posse das famílias de origem. O mesmo não se verificou com a Casa de Vilar, a Casa de Sinções e a Casa das Lameiras. Na primeira metade do século XX, a escassos anos da implementação de alguns dos projectos de maior envergadura no desenvolvimento urbanístico da então vila de Famalicão, as famílias desfizeram-se dos seus patrimónios, assistindo-se, a partir daí, ao progressivo desvanecer do esplendor destes espaços rurais. Porém, as vicissitudes por que passaram até aos nossos dias, não apagaram, apesar de tudo, as histórias vividas que nelas deixaram inscritas os seus fundadores e continuadores.

A Quinta de Vilar, conhecida nos seus primórdios por Quinta da Torre, localizava-se na freguesia de Santiago de Antas, a uma curta distância da povoação de Famalicão. A história desta quinta enquanto propriedade da Família Silva e Castro, tem o seu início em Agosto de 1767, quando o advogado Dionísio da Silva e Castro, natural do Porto, casou com a viúva Joana Pereira da Fonseca. Decorridos quinze anos, Joana morreu sem deixar descendência. No seu testamento, com data de 4 de Maio de 1782, declara a dado passo que as “muitas compras de bens de raiz e benfeitorias na constância do matrimónio” haviam sido feitas por seu marido, pois ela não dispunha de dinheiro e nem sequer o rendimento dos bens que lhe pertenciam era suficiente para suprir as suas despesas. Nesse tempo a Quinta de Vilar compunha-se da casa de habitação - na qual se destacava uma bela escadaria, com guarda de cantaria e voluta de arranque, que conduzia ao andar nobre e uma varanda suportada por pilares de granito -, e das propriedades do Casal de Vilar de Baixo, foreiro à Igreja de Santiago de Antas.

A numerosa prole de seis raparigas e três rapazes, fruto do segundo casamento de Dionísio com Joana Maria Coelho de Araújo e Sá, da Casa de Mourizes, descansou, por certo, o patriarca relativamente à transmissão do seu património em terras do Minho. Porém, qual dos filhos seria o escolhido para dar continuidade à Quinta de Vilar? A questão permanece, aparentemente, sem resposta, dado não se conhecer o teor das suas disposições testamentárias. Sabe-se, apenas, que Ana Ernestina, a filha mais velha de Dionísio e de Joana, doou o prazo da Quinta de Vilar ao seu irmão e afilha-

do Silvério, conforme consta do registo do testamento feito por este a escassos dias de morrer. Aliás, dos três rapazes, era o único em condições de assegurar a gestão da casa e das terras. João, o primeiro varão, emigrara para Cabo Verde, de onde não mais regressou a Portugal, e José seguiu a carreira eclesiástica, sendo abade em Vila Nova de Sande.

Silvério da Silva e Castro, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, era visto como um homem bastante influente, não só pelo desempenho de cargos importantes, nomeadamente de Governador Civil de Braga e, já nos últimos anos da sua vida, Desembargador da Relação do Porto, mas também pelo prestígio que gozava junto da comunidade local, sobretudo a seguir ao processo de criação do concelho de Vila Nova de Famalicão, em 1835, para o qual a sua intervenção foi determinante. Como sucedera com o pai, Silvério também não gerou descendência no seu primeiro casamento com Maria Ângela Plácida Rossi, a filha do Cônsul Geral da Sardenha no Porto, de quem enviuvou. Quando morreu na sua casa da Foz do Douro, a 22 de Outubro de 1848 - por coincidência, no dia do quadragésimo segundo aniversário da morte de seu pai -, tinha três filhos menores de um segundo casamento com Maria Delfina Barbosa. Os prazos que lhe pertenciam, entre os quais a Quinta de Vilar, deixou-os ao seu filho mais velho, Silvério Júnior, com a condição da sua mulher ser deles usufrutuária enquanto se conservasse viúva. Mas não seria Silvério Júnior o futuro senhor de Vilar. A sua morte prematura levou o seu irmão José, segundo na linha de descendência, a assumir a responsabilidade de conduzir os assuntos da família.

No início de 1871, três anos depois de José casar com a herdeira da Quinta de Sinções, Mariana Ferreira da Fonseca e Gouveia, foi feita a primeira descrição predial da Quinta de Vilar. Para além das diversificadas parcelas de terreno - campos, bouças, leiras, lameiros, cortinhas, etc. - a descrição nomeava ainda “uma grande morada de casas torres e térreas com salas, quartos, cozinha, oratório, varanda, escadas de pedra, com um pátio, lojas, adegas e mais casas de espiga, terreno e tanques de água, e ao lado do nascente mais duas moradas de casas torres em que vivem os caseiros com salas, e cozinhas, cortes, quinteiros, adega, lagar de pedra, palheiros e cobertos, eira de terra [...]”. Por essa altura, José e Mariana viviam em Vilar onde terão nascido e morrido, ainda menores, os seus dois únicos filhos. A partir da década de 80, depois de Mariana ter herdado a Quinta de Sinções, paredes-meias com Vilar, e de José ter comprado à sua mãe o usufruto da Quinta de Vilar, o casal passou a ser proprietário de um dos maiores espaços fundiários do concelho de Vila Nova de Famalicão. No entanto, uma vez mais, como se os Silva e Castro estivessem condenados à repetição cíclica de um destino, pairou a incerteza relativamente à futura continuidade da família na terra dos seus antepassados. A partir da morte de Mariana a 4 de Dezembro de 1915, começou a desenhar-se o fim das duas quintas. Sem herdeiros, José da Silva e Castro tomou a dolorosa decisão de as vender, assegurando, todavia, a reserva de usufruto enquanto fosse vivo. Com a sua morte, em 28 de Outubro de 1928, na Casa de Sinções, virou-se a derradeira página da história da Família Silva e Castro na Casa de Vilar.

«Excitações Klimtorianas»

No próximo dia 1 de Fevereiro (sexta-feira), às 21h30, será apresentado o mais recente livro de Danyel Guerra, «Excitações Klimtorianas», na associação cultural A Cadeira de Van Gogh, no Porto. A sessão terá um pendor cinéfilo, uma vez que integra a projecção do filme «Klimt», de Raul Ruiz. Neste quarto registo – “uma ficção que mescla os géneros erótico e fantástico” –, o autor desafia o leitor a ser parceiro da fascinação klimtoriana das adolescentes Maria Ana e Daniana. Eis o pretexto para que o autor enovele uma onírica estória de amor e desamor, num cenário de caos e delírio, onde a pintura flamejante de Gustav Klimt refulge como um dos signos mais intensos. É desta forma “singela, simbólica e subtil” que Danyel Guerra assinala “os 150 anos do nascimento de Klimt, em Baumgarten, próximo de Viena, Áustria.

6.º Laboratório de Leitura Poética

A sexta edição do Laboratório de Leitura Poética - «Há Palavras que nos Beijam» decorre entre 5 de Fevereiro e 14 de Maio, no Teatro do Campo Alegre, Porto. São 33 horas, em 13 sessões, para abordar os conteúdos: Técnica Vocal, A Voz Falada, Morfo-Fisiologia da Voz, Respiração e Vibração, Colocação e Projecção Vocal, Articulação e Prosódia e A Performance. Dirigido ao público em geral (maiores de 18 anos e com domínio da Língua Portuguesa), do trabalho desenvolvido durante as sessões resultará uma apresentação final aberta ao público. Ana Celeste Ferreira é a formadora do laboratório que tem João Gesta como coordenador e Patrícia Vaz como produtora.

Música e poesia

As sessões «Tarde de Música e Poesia» organizadas pelo poeta e declamador Jorge Vieira têm sessões fixas ao longo do mês. Ao sábado: 1.ºs são no Inatel, 2.ºs no Imperador Lounge, 4.ºs no Café Guarany (esta, por vezes, com alterações). No último domingo de cada mês e o Café Onital, Porto, o local de acolhimento. Assim, no próximo sábado, 2 de Fevereiro, a sede do Inatel Porto acolhe, pelas 16 horas, «Tarde de Música e Poesia», com a participação do Grupo de Violas e Cavaquinhos da Universidade Sénior Rotary Clube de Matosinhos.



«A Cerejeira da Lua»

«A Cerejeira da Lua»

O Mar-Marionetas - Festival Internacional de Marionetas de Espinho leva à cena o espetáculo «A Cerejeira da Lua», da companhia Lua Cheia - Teatro, no Auditório de Espinho, na sexta-feira (1 de Fevereiro), às 21h30. A história do imperador Meng-Uóng, que alimenta o sonho de um dia conseguir ir à lua, procura provocar a reflexão sobre a dimensão humana e a importância do sonho, a partir da sabedoria oriental.

«Melhor Comunicação online»

O pportodosmuseus.pt (<http://www.pportodosmuseus.pt/>), projecto de comunicação na área da Cultura e das Indústrias Criativas, foi distinguido pela APOM em 2012 com o prémio de «Melhor Comunicação online». O pportodosmuseus, que em 2012 recebeu mais de 850 mil visualizações de páginas, é um projecto direccionado para o sector cultural que tem por objectivo dar a conhecer, diariamente, o que de mais relevante acontece: notícias, projectos, oportunidades, formação, conferências e outras informações para o sector: profissionais ou públicos muito interessados nas questões culturais. Com mais de 19 mil notícias em histórico, o pportodosmuseus.pt publica cerca de 20 notícias diaria-

mente e mantém uma newsletter diária que é enviada para quase quatro mil subscritores. Em 2012, o pportodosmuseus, além de ter estado envolvidos em diversas iniciativas das quais se destaca o seminário «Rotas e itinerários culturais: dos conteúdos ao negócio», foi parceiro de comunicação de dezena e meia de eventos culturais, promoveu a discussão de diversos temas da actualidade, organizou o programa nacional do dia dos museus e um catálogo nacional de oferta educativa de instituições culturais. O pportodosmuseus, para além do facebook (<http://www.facebook.com/pportodosmuseus>), no qual conta com oito mil seguidores, está também presente nas mais importantes redes sociais.

Irónico e trágico Eça...

O 11.º livro de Antero Simões é lançado a 2 de Fevereiro (dia de aniversário do autor), às 17 horas, no Diana Bar, Póvoa de Varzim. O autor da obra com 600 páginas, «O Meu Irónico e Trágico Eça de Queirós», será apresentado pelo reitor da Universidade Fernando Pessoa (Porto), Salvato Trigo. A sessão conta ainda com a interpretação de seis poemas, três de Eça de Queirós e três de Antero Simões, pelo cantor e instrumentista J. Campos e Sousa.

Quintas de Leitura

«Vamos ser velhos ao sol» é o nome da próxima sessão do ciclo Quintas de Leitura, amanhã (31 de Janeiro), como habitualmente às 22 horas e no Teatro do Campo Alegre, Porto. Com apresentação de Valter Hugo Mãe, leituras de Sara Carinhas, Susana Menezes, Pedro Lamares e Maria do Rosário Pedreira, haverá lugar para um concerto de Aldina Duarte, na voz, e Júlio Resende, no piano. Jorge Coelho (guitarra) será o responsável do espaço entre leituras e a dança estará a cargo de Marco Moreira e Anna Galycheva. Pedro Teixeira Neves é o fotógrafo da sessão.

Prémio Fernando Távora

Estão abertas, até 4 de Fevereiro, as candidaturas à 8.ª edição do Prémio Fernando Távora, um prémio anual de uma bolsa de viagem, no valor de seis mil euros, aberto a todos os membros da Ordem dos Arquitectos, e atribuído à melhor proposta de viagem de investigação. A escolha do vencedor será divulgada em cerimónia pública a decorrer no dia 1 de Abril de 2013, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Matosinhos. O Prémio é organizado pela Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Norte, com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos e Associação Casa da Arquitectura, e conta com o patrocínio da AXA. A conferência para anunciar o vencedor, a constituição do júri e abertura do prémio para o ano seguinte terá lugar a 7 de Outubro, Dia Mundial da Arquitectura.

Concurso de poesia

O Núcleo de Artes e Letras de Fafe, em parceria com a Editora Labirinto, instituiu o Prémio de Poesia Soledade Summavielle, cuja primeira edição ocorre no presente ano e será atribuído bienalmente. O concurso destina-se a estimular a criação literária, o aparecimento de

novos autores, bem como lembrar e homenagear a poetisa fafense Soledade Summavielle (1907-2000). São admitidos a concurso trabalhos inéditos de autores residentes em Portugal, com idade superior a 18 anos, inclusive, até 31 de Dezembro de 2013.

3.º GUIDance

Entre 13 e 23 de Fevereiro, Guimarães será palco da terceira edição do GUIDance - Festival Internacional de Dança Contemporânea. Os espetáculos dividem-se por vários espaços da cidade: Centro Cultural Vila Flor, Fábrica Asa e Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura e cabe à Australian Dance Theatre abrir o festival, no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor.

10.º Festival Black & White

Estão abertas as candidaturas de trabalhos ao Festival Audiovisual Black & White até 11 de Fevereiro (carimbo CTT). A competição internacional promovida pela Escola das Artes da Católica Porto - reconhecida por reunir uma comunidade mundial de artistas que optam por expressar-se através do preto e branco - decorre de 22 a 25 de Maio, assinalando este ano a 10.ª edição. A competição do Festival distingue três categorias: Fotografia, Vídeo e Áudio.

6.º Prémio Inês de Castro

Maria do Rosário Pedreira venceu a sexta edição do Prémio Literário Fundação Inês de Castro com o livro «Poesia reunida - A ideia do fim». A obra distinguida reúne os volumes anteriormente publicados pela autora, «A Casa e o Cheiro dos

Livros», «O Canto do Vento nos Ciprestes» e «Nenhum Nome Depois», além do inédito «A Ideia do Fim». O Prémio Literário Fundação Inês de Castro, galardoa anualmente obras de expressão literária sobre motivos do mito "inesiano"

Textos de Amor do MNI

Decorre de 11 a 17 de Fevereiro, a 13.ª edição do Concurso de Textos de Amor do Museu Nacional da Imprensa, que incorpora o nome de Manuel António Pina, em homenagem ao jornalista e escritor falecido em Outubro de 2012 e que integrou o júri do concurso durante as primeiras nove edições. Pedro Guilherme-Moreira foi o vencedor da edição de 2012, com um poema intitulado «Plátano». A escolha do júri resultou da análise de mais de 500 textos enviados para a 12.ª edição do concurso que o museu promove desde 2001, no intuito de estimular a escrita lírica portuguesa. O segundo lugar foi atribuído a «Memória até Adamastor», de Alberto Pereira, e o terceiro a João Albuquerque, com «Soneto».

15.º PortoCartoon

«Liberdade, Igualdade e Fraternidade» é o tema e vai servir de mote para o PortoCartoon - World Festival de 2013. Excepcionalmente são instituídos, nesta 15.ª edição do PortoCartoon, dois prémios especiais de caricatura, pela sua oportunidade. Um para celebrar os 104 anos do realizador Manoel de Oliveira. O outro, para evocar José Saramago, Prémio Nobel da Literatura, que teria 90 anos, se fosse vivo. No conjunto das 14 edições anteriores participaram mais de sete mil cartunistas, dos cinco continentes.

Guimarães 2012 na Holanda

Sete dos mais de 40 filmes produzidos no âmbito de Guimarães 2012 Capital Europeia de Cultura vão ser apresentados no Festival de Roterdão, na Holanda, até 3 de Fevereiro. Além de «Centro Histórico» - composto por quatro curtas de Aki Kaurismaki, Pedro Costa, Victor Erice e Manoel de Oliveira -, são apresentados, em estreia internacional, na secção Spectrum, o documentário «Torres & Cometas», de Gonçalo Tocha, e «Ao Lobo da Madragoa», de Pedro Bastos. Numa iniciativa inédita, o festival apresenta uma secção própria dedicada às novas produções de Guimarães 2012: «Guimarães: Rocking the Cradle». Nesta secção são apresentadas as quatro curtas-metragens: «Luís», de João Lopes, «Na escama do Dragão», de Ivo Ferreira, «Cachéu», de Filipa César e «Birds», de Gabriel Abrantes. Rodrigo Areias, produtor, e João Lopes, programador da área de Cinema e Audiovisual de Guimarães 2012 estão presentes, a representar os filmes.

Vila do Conde em Clermont-Ferrand

O Curtas Vila do Conde estará presente no próximo Festival de Curtas-Metragens de Clermont-Ferrand, que decorre de 1 a 9 de Fevereiro, a fim de promover o 20.º aniversário do festival, assim como os oito filmes produzidos em 2012 (quatro encomendados pelo próprio festival e outros quatro produzidos no âmbito do Campus/Estaleiro). O Curtas partilhará um stand no Short Film Market juntamente com a Agência da Curta Metragem e com a Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura.

«Tabatô» luta pelo Urso de Ouro

A curta-metragem «Tabatô», realizada por João Viana, integra a competição oficial de curtas-metragens do Festival de Cinema de Berlim. Trata-se da única película nacional a competir na categoria que consagrou, no ano passado, o português João Salaviza, por «Rafa». O certame decorre entre 7 e 17 de Fevereiro.

Figuras da Cultura do Porto

O livro «Figuras da Cultura do Porto - Nas Comemorações da República» será apresentado amanhã (31 de Janeiro), às 21h30, pelo presidente do Centro Nacional de Cultura, Guilherme d'Oliveira Martins. A sessão terá lugar no Núcleo do Porto do CNC, Palacete dos Viscondes de Balsemão. A obra resultou de um conjunto de conferências sobre algumas das figuras do Porto que pensaram o ideal republicano. As palestras realizaram-se entre a Primavera de 2010 e a Primavera de 2011, no âmbito das comemorações do Centenário da República e levadas a cabo pelo Centro Nacional de Cultura Núcleo do Porto e o Centro de Estudos do Pensamento Português (da Universidade Católica do Porto).

80 livros de poesia a concurso

A 14.^a edição do Correntes d'Escritas - Encontro de Escritores de Expressão Ibérica, que irá realizar-se entre 21 e 23 de Fevereiro, na Póvoa de Varzim, contou com 80 livros de poesia a concurso para o Prémio Literário Casino da Póvoa, no valor de 20 mil euros. Os oito finalistas do Prémio, no valor de 20 mil euros, são «A Terceira Miséria», de Hélia Correia; «As Raízes Diferentes», de Fernando Guimarães; «Caminharei Pelo Vale da Sombra», de José Agostinho Baptista; «Como se desenha uma casa», de Manuel António Pina; «De Amore», de Armando Silva Carvalho; «Em Alguma Parte Alguma», de Ferreira Gullar; «Lendas da Índia», de Luís Filipe Castro Mendes e «Negócios em Ítaca», de Bernardo Pinto de Almeida.

«Lar, Doce Lar»

O Auditório dos Oceanos do Casino Lisboa acolhe, até 3 de Fevereiro, a comédia «Lar, Doce Lar». As representações decorrem às 21h30 entre amanhã (31 de Janeiro) e sábado às 17 horas, no domingo. Com interpretação de Joaquim Monchique e Maria Rueff, a peça é encenada por António Pires e assinada pela escritora Luísa Costa Gomes.

«Adivinhe Quem Vem Para Rezar»

O Teatro do Campo Alegre, Porto, é palco da peça «Adivinhe Quem Vem Para Rezar» até 10 de Fevereiro, de terça-feira a sábado às 21h45 e aos domingos às 16 horas. De Dib Carneiro Neto, a peça é uma produção da Seiva Trupe, com encenação de Júlio Cardoso e que conta com António Reis e Jorge Loureiro como protagonistas. «Adivinhe Quem Vem Para Rezar» trata de personagens masculinas, conversando sobre o que não foi falado durante os seus anos de convivência, ou de coexistência. Em foco, o universo masculino...

Concurso aberto

As candidaturas para a 21.^a edição do Concurso para Jovens Cientistas e Investigadores estão abertas até 19 de Abril. Desenvolvido em Portugal desde 1992 pela Fundação da Juventude, este concurso nacional pretende incentivar um salutar espírito competitivo nos jovens, através da realização de projectos/trabalhos científicos inovadores, integrados em processos educativos regulares, sendo atribuídos prémios aos alunos e projectos seleccionados. Destina-se a todos os jovens a frequentar o ensino básico, secundário, profissional, ou primeiro ano do Ensino Superior, com idades entre os 15 e os 20 anos.

Música, teatro e exposição

Em Fevereiro, a Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão recebe a música alternativa dos Balla, no dia 8, pelas 22h30, no café-concerto. No dia 9, pelas 18 horas, realiza-se o espetáculo de teatro, humor e música «Via Verdi» pela Ópera Istol. No dia 16, pelas 21h30, sobe ao palco Tiago Bettencourt para um concerto acústico. José Pedro Gomes, Rui Mendes, Jorge Mourato, Carla de Sá, Diogo Leite e Rui de Sá são os protagonistas de

«Os Reis da Comédia», uma peça de teatro no dia 23 de Fevereiro, pelas 21h30. Às 23 horas do mesmo dia é apresentado o Quinteto Luísa de Carvalho, num espetáculo de música soul e jazz, no café-concerto. Entretanto, a Casa das Artes tem patente até ao final de Fevereiro a exposição de pintura «Metamorfoses», de Helena Homem de Melo. Como habitualmente, o cinema faz parte integrante da programação da Casa das Artes.

Tertúlias na Bonjóia

Filipe Morato Gomes será o orador da primeira sessão dos Serões da Bonjóia de Fevereiro, dia 7, e abordará o tema «Viagem ao Irão». Será às 21h15, na Quinta de Bonjóia, Porto, como habitualmente. Entretanto, amanhã (31 de Janeiro), no Ciclo de História, realiza-se a última sessão de Janeiro com Joaquim Fernandes que apresentará o seu último livro «História Prodigiosa de Portugal: Mitos e Maravilhas», que resultou de “um profundo e exaustivo trabalho histórico, mas também com forte suporte jornalístico”.

CJ Ramone em Gondomar

CJ Ramone, ex-baixista dos Ramones, actua no dia 15 de Fevereiro no Multiusos Gondomar «Coração de Ouro», pelas 22 horas. Daniel Rey e Michael Stamberg acompanharão o músico que irá, essencialmente, apresentar trabalhos do álbum «Reconquista», o seu mais recente trabalho discográfico.

Apoio em conflitos de consumo

A Área Metropolitana do Porto (AMP) e o Centro de Consumo e Arbitragem do Porto (CICAP)/Tribunal Arbitral de Consumo do Porto celebraram um Protocolo de Colaboração para prestar apoio gratuito à população da AMP na resolução de conflitos de consumo. O protocolo prevê que o CICAP preste apoio gratuito em termos de informação, processos de mediação e recurso ao Tribunal Arbitral, com competência na resolução desses conflitos.



DESIGN: INOVAR/AMALLET

GALE

21-23 FEV 13

PÓVOA DE VARZIM

www.cm-pvarzim.pt



NORPRINT

Axis Vermar
CONFERENCE & BEACH HOTEL

BMcar
Concessionária BMW e MINI



BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

BIRTH AND EDITORA

BOOKTAILORS

BROWN

CULTURE

EDITORIA

EDITORIA

JL

LER

Planeta

Planeta